

CURSO DE PSICOLOGIA

Patrícia da Rosa

**NO ENCONTRO INTERCULTURAL, O ENCONTRO TERAPÊUTICO: PRÁTICA
CLÍNICA COM SURDOS**

Santa Cruz do Sul

2017

Patrícia da Rosa

**NO ENCONTRO INTERCULTURAL, O ENCONTRO TERAPÊUTICO: PRÁTICA
CLÍNICA COM SURDOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz
do Sul para a obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Profa. Dra. Betina Hillesheim

Santa Cruz do Sul

2017

Fomos entendendo que é necessário ouvir com a pele, com os ossos, com os olhos, com o corpo todo. A escuta aproxima os tempos, passado, presente, futuro e não tem lugar fixo, não escutamos só com os ouvidos. Não escutamos apenas palavras, frases, discursos, escutamos sussurros inaudíveis, linhas de força, pulsões, rebeliões. É um encontro do corpo com ele mesmo e do corpo com um outro. Limites, impossibilidades, rachaduras, dor, cicatrizes, rompimentos, alargamentos, alagamentos, tudo parece ter a ver com a escuta.

A disponibilidade do corpo é, então, colocar-se em vizinhanças que incluem estranhamentos e tensões; e se colocar vulnerável ao outro é ir até um limite do próprio corpo. Nesse limite, onde/quando muita coisa escorre e desaba, mora a potência da vida, que rompe o medo de se transformar, de se perder para se reencontrar, de produzir outros lugares para “si mesmo”.

(LUCENA, Cibele Toledo. Beijo de Línguas- quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram,2017)

RESUMO

Através do presente estudo, objetivou-se compreender como ocorre a prática clínica com surdos, utilizando a Libras como meio de comunicação. Sob a ótica de quatro profissionais psicólogos que atendem a essa demanda, buscou-se refletir sobre a comunicação em Libras no processo de psicoterapia, mediante um mapeamento das estratégias utilizadas pelos profissionais no atendimento psicoterápico com surdos, além de entender os desafios e as motivações que o psicólogo percebe nessa prática. Este trabalho apresenta um aprofundamento teórico sobre a surdez e os surdos, tanto em um viés biológico quanto no que concerne à construção histórica e social destas terminologias. Também, o trabalho evidencia contextualizações acerca da identidade, comunidade e cultura surda e sinaliza para a importância da língua de sinais, enquanto meio de comunicação dos surdos, e, por conseguinte, elucidar os enlaçamentos históricos da psicologia e da surdez e trazer considerações atuais da prática psicológica clínica com surdos. A produção dos dados ocorreu na cidade de Porto Alegre, por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas psicólogas e dois psicólogos atuantes na prática clínica com surdos e que utilizam a Libras. À luz dos Estudos Culturais, a análise dos dados se deu a partir das falas dos psicólogos entrevistados. Buscou-se compreender as interpretações sobre temas essenciais que envolvem a questão da prática clínica com surdos, tendo a cultura, a língua de sinais e a comunidade surda como elementos indissociáveis da prática psicoterapêutica. Os dados obtidos foram organizados nas seguintes temáticas: Trajetória dos profissionais: como se constituíram enquanto psicoterapeutas para surdos; O sujeito surdo na percepção dos psicólogos; O processo de psicoterapia com surdos; Dificuldades dos psicólogos frente à prática clínica com surdos e Motivação dos psicólogos para a *escuta* clínica com surdos. O estudo apontou que discussões sobre este assunto são escassas durante a formação em Psicologia, por conseguinte, há pouco material produzido sobre o tema nessa área. Para a aprendizagem da Libras, confere ao psicólogo buscar pela mesma, visto que em alguns cursos de Psicologia, a disciplina de Libras é eletiva. Foi possível constatar com este estudo que a psicoterapia com surdos requer o uso da Libras como meio de comunicação, mas também o psicólogo deverá aprofundar-se no entendimento da cultura surda, estabelecendo aproximação com a comunidade surda, tendo em vista que processo psicoterapêutico com surdos é intercultural, e, apesar de não se diferenciar em sua estrutura com o atendimento de ouvintes, fazem-se necessárias adaptações. Ademais, a comunicação é uma dificuldade sentida pelos psicólogos entrevistados, porém o que lhes motiva é o contato com a diferença e a possibilidade de atender um público que carece de cuidados psicológicos. Palavras-chave: Psicoterapia, surdos, Libras.

SUMÁRIO

	RESUMO.....	3
1	INTRODUÇÃO.....	5
2	SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO.....	8
2.1	Procedimentos para a produção de dados	9
2.1.1	Primeiros movimentos: a constituição da amostra.....	9
2.2	Participantes do estudo.....	11
2.3	Procedimentos para análise de dados.....	12
2.4	Procedimentos Éticos.....	12
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
3.1	Caracterizando a surdez a partir de seus aspectos biológicos.....	13
3.2	Considerações históricas acerca da surdez e dos surdos	14
3.3	A surdez como elemento identitário dos surdos.....	16
3.4	A comunidade surda enquanto comunidade linguística e cultural.....	17
3.5	A cultura surda.....	17
3.6	A língua de sinais como meio de comunicação dos surdos.....	19
3.7	A surdez como objeto de estudo da Psicologia: enlaçamentos históricos.....	21
3.8	A prática psicológica clínica com surdos.....	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	24
4.1	Trajetória dos profissionais: como se constituíram enquanto psicoterapeutas para surdos.....	24
4.2	O sujeito surdo na percepção dos psicólogos.....	28
4.3	O processo de psicoterapia com surdos.....	31
4.4	Dificuldades dos psicólogos frente à prática clínica com surdos.....	35
4.5	Motivação dos psicólogos para a <i>escuta</i> clínica com surdos.....	37
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	44
	ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	50
	ANEXO B – Roteiro de entrevista semiestruturada.....	51
	ANEXO C - Reportagem no Jornal Gazeta do Sul.....	52
	ANEXO D - Texto publicado na Página do Leitor no Jornal Gazeta do Sul.....	53

1 INTRODUÇÃO

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), no censo demográfico, constatou-se que no Brasil existem 45.606.048 milhões de brasileiros que possuem algum tipo de deficiência, ou seja, 23,9% da população total, sendo elencados neste estudo estatístico a deficiência visual, a auditiva, a motora e mental ou intelectual. Deste número, 9,7 milhões ou 5,10%, declararam ter deficiência auditiva. No estado do Rio Grande do Sul, o censo de 2010 evidenciou que 18.728 mil pessoas disseram ter deficiência auditiva, sendo que não escutam de modo algum; ainda 119.980 declararam ter grande dificuldade auditiva e 478.536 disseram apresentar alguma dificuldade para ouvir. (IBGE, 2010).

Para além dos dados quantitativos mencionados, não há maiores informações no material consultado sobre as pessoas que utilizam a Libras como primeira língua para se comunicar e sobre as que participam da comunidade e cultura surda. Percebe-se dessa forma, que o uso do termo deficiente auditivo é empregado de forma generalista na pesquisa referida, pois homogeneiza uma população pela característica de não ouvir. Isto se explica devido a característica do censo de ser um estudo de caráter estatístico e formal, pois quando se fala em pessoas com deficiência auditiva, se faz uma referência ao grupo como um todo, identificando ou não os níveis de perda auditiva e a quantidade de pessoas que possuem tal nível de perda, segundo pontua Sasaki (2002).

Porém, neste estudo, será utilizada a expressão surdo, não simplesmente para referir-se à pessoa que não escuta ou que apresenta determinado nível de perda auditiva, mas sim, com base no que expõe a autora Perlin (1999), que compreende a palavra surdo “como um termo que compreende sua especificidade em uma temporalidade e com uma cultura própria” (p. 34).

De fato, os dados apresentados acima sinalizam a necessidade de se pensar nessa parcela da população, no que diz respeito a ações que visem sua saúde e bem-estar. Verifica-se, a partir do estudo e escrita do referencial teórico deste trabalho, que muitos surdos não acessam os serviços de atenção à saúde mental, dando relevância aqui ao atendimento psicológico clínico. Há muitas barreiras, principalmente de comunicação. Também é pertinente mencionar que, pelas pesquisas realizadas, presume-se que há poucos psicólogos capacitados para o atendimento de surdos e que utilizam a Libras. A exclusão e a indiferença as quais os surdos são submetidos, constituem-se como fatores que obstruem os direitos desses sujeitos, o que se torna mais difícil ainda em uma sociedade em que a maioria das pessoas são ouvintes.

Assim, como um estudo que buscou compreender como ocorre a prática clínica realizada com surdos, tendo a Libras como meio de comunicação, o presente trabalho surgiu a partir de vivências acadêmicas, durante a formação em Psicologia, no que concerne o contato

com uma professora surda, que trazia consigo sua língua, a Libras, e cultura próprias. Para tanto, a escolha deste tema para pesquisa e problematização, justifica-se tendo como interesse primordial o entendimento do processo psicoterapêutico com surdos, visto a necessidade de o profissional psicólogo prestar um bom atendimento a todas às pessoas, independentemente de suas diferenças.

Tendo em vista o que está disposto no Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005, p.7) como um dos princípios fundamentais, em que o “psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”, reforça-se que o atendimento psicológico deve ser acessível para todas às pessoas. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é de compreender junto aos psicólogos que atendem surdos utilizando a Libras como forma de comunicação, a dinâmica da prática de psicoterapia realizada com este público, no intuito de problematizar também sobre o uso da Libras nesse processo clínico. Ademais, é primordial o entendimento das estratégias utilizadas pelos psicólogos no atendimento dos surdos, uma vez que na relação terapêutica se pretende auxiliar a pessoa na resolução de conflitivas, atendo-se para o seu bem-estar e saúde mental. Por conseguinte, a reflexão sobre o que instigou (e o que instiga) o psicólogo a desenvolver seu trabalho voltado para a acessibilidade, bem como os desafios desse fazer, também será objeto do presente trabalho.

A fim de discorrer acerca destas questões, foram realizadas entrevistas com quatro profissionais de Psicologia, sendo duas psicólogas e dois psicólogos. A análise e discussão dos dados, foram realizadas com base nos Estudos Culturais, como campo que no entendimento da surdez, considera-a como uma diferença, e não como uma deficiência.

Assim sendo, o presente estudo reuni estudos que contextualizam a surdez de acordo com seus aspectos biológicos. Na sequência, a partir de estudos de autores da área, é explanado o percurso histórico da surdez e dos surdos. No intuito de fazer refletir sobre fatores que norteiam os modos de ser do surdo, apresenta-se a perspectiva da surdez como um elemento identitário dos surdos, bem como a característica da comunidade surda como uma comunidade linguística e cultural permeada por uma cultura singular, cujas manifestações provém da experiência visual dos surdos. Desse modo, a língua de sinais se apresenta como a forma de comunicação utilizada pelos surdos, sendo que pela sua importância e pelo significado que produz na vida de muitas pessoas, sejam surdos e/ou ouvintes, merece todo o respeito e reconhecimento.

Em seguida, são apresentados os resultados e discussões oriundos dos dados colhidos no contato com os psicólogos entrevistados, bem como as análises que foram possíveis. E, para finalizar, o estudo apresenta alguns apontamentos à guisa de conclusão.

Isto posto, ao se considerar que os surdos, através de suas lutas e reivindicações, estão conquistando cada vez mais seus direitos, bem como, solicitando atendimento especializado nos diferentes espaços da sociedade, cabe mencionar que este trabalho teve como ponto de partida o questionamento: como se dá o trabalho do psicólogo na prática clínica com os surdos?

2 SOBRE O PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia objetiva nortear onde e como a pesquisa será realizada, definindo o tipo de pesquisa, a população ou os participantes, a amostragem, os procedimentos que serão utilizados para a produção de dados, além da maneira como o pesquisador pretende tabular e analisar os dados obtidos. Conforme as autoras Barros e Lehfeld (2007) e Minayo (2007), a metodologia caracteriza-se como um conjunto de procedimentos que serão utilizados na obtenção do conhecimento. Corresponde à aplicação do método através de processos e técnicas, que garantem a legitimidade científica do saber alcançado e inclui também à criatividade do pesquisador, tanto no que tange a sua experiência, quanto a sua capacidade pessoal e sua sensibilidade. É por meio da metodologia científica que o pesquisador consegue estabelecer uma mediação do conhecimento, pelo questionamento construtivo e reconstrutivo do objeto de pesquisa, possibilitando assim, “a colocação do saber no plano sócio-histórico e ético-político”. (BARROS; LEHFELD, 2007, p. 2).

O presente estudo apoia-se no campo dos Estudos Culturais, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista. Patrocínio (2017) contextualiza que este campo visa compreender a surdez enquanto diferença e não como deficiência, terminologia muito utilizada nas leituras para contextualizar a surdez e os surdos. O mesmo autor enfatiza que é a partir dos Estudos Culturais, no debate em relação à diferença e identidade cultural, que ocorre uma importante mudança no discurso da surdez, em que se distancia do modelo de medicalização e passa a ser percebida como um componente na constituição da identidade surda.

Considera-se que a perspectiva pós-estruturalista permite a compreensão do sujeito em sua concepção bio-psico-histórico-social-cultural, no entendimento de como este se desenvolve em seu contexto histórico e cultural e qual a significação que o mesmo confere a esses fenômenos. Assim, permite-se que o sujeito possa dizer de si, falar de sua integralidade e de sua subjetividade. (AGUILAR; GONÇALVES, 2017). Ademais, o pós-estruturalismo por explicar as relações de dominação existentes na sociedade (AGUILAR; GONÇALVES, 2017), embasa a reflexão da cultura surda enquanto minoria em um meio social majoritariamente ouvinte, cuja luta é constante pela afirmação do seu espaço e dos seus direitos.

Assim, este estudo tenciona pensar na cultura enquanto fenômeno que constitui um povo, que permite emergir sentimentos de pertencimento e construção de uma identidade. A Psicologia, por conseguinte, ao conceber o surdo em sua integralidade, possibilita a aproximação de sua prática com a cultura surda, no entendimento de como esta constitui e é constituída pelo surdo. À vista disso, parte-se do pressuposto de que as falas dos psicólogos

sobre a surdez e sobre os surdos, constituem modos de ser sujeito na contemporaneidade. (OLIVEIRA; HADLER, 2015). Dessa forma, com base nos Estudos Culturais, este estudo remete a reflexões sobre a prática psicoterapêutica com surdos na intersecção com a cultura, identidade, língua de sinais e comunidade surda, estes como elementos intrínsecos e urgentes na abordagem psicoterapêutica com surdos. Também, mediante a fala dos profissionais entrevistados, coloca-se sob análise as representações do surdo na prática clínica.

2.1 Procedimentos para a produção de dados

2.1.1 Primeiros movimentos: a constituição da amostra

A parte inicial desse trabalho consistiu na divulgação da proposta de estudo nos meios de comunicação de Santa Cruz do Sul e região. O intuito dessa ação foi dar visibilidade ao tema pesquisado e realizar um levantamento dos profissionais psicólogos que atendem surdos em Libras. Para tanto, foram realizadas duas publicações no Jornal Gazeta do Sul: uma reportagem no dia 24 de maio (ANEXO C) e um texto na Página do Leitor, em 26 de maio de 2017 (ANEXO D). Foi realizado também, uma participação no programa da Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul, chamado *Matiné*, além de um texto sobre a temática publicado, via rede social, na página da referida rádio. Ainda, foram efetuados contatos via *e-mail* com importantes estudiosas dos movimentos surdos, a fim de buscar informações junto às mesmas sobre levantamentos do número de surdos no Rio Grande do Sul, bem como o contato de possíveis psicólogos que atendessem surdos através da Libras. Destas, duas pesquisadoras responderam, porém, afirmaram não conhecer nenhum estudo deste âmbito e nem psicólogos que atendessem surdos através da Libras.

Foram contatados ainda a Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Sul, a fim de verificar o número de surdos que residem no município e a presença de psicólogos que atendam a esse público. Também foi solicitada informações com uma escola da região, referência na educação de surdos e a 6ª Coordenadoria Regional de Educação (6ª CRE), no intuito de obter dados sobre o número de estudantes surdos. Destas instituições, a Prefeitura Municipal retornou, afirmando que não possuem dados referentes a esse assunto.

Além disso, após a divulgação do estudo nos meios de comunicação citados acima, nenhum profissional psicólogo entrou em contato para informar de sua prática. Ainda com o objetivo de constituir a amostra de entrevistados, foi feito contato com uma pessoa surda, duas intérpretes de Libras, bem como professores e colegas do Curso de Psicologia, sendo que todos disseram desconhecer profissionais psicólogos voltados para o atendimento de surdos na região. A partir disso, foram efetuadas buscas na *Internet*, que apontou uma instituição na região de

Porto Alegre que oferta psicoterapia em Libras, além de nomes de alguns profissionais que prestam esse serviço. Na mesma direção, uma das intérpretes de Libras contatadas, indicou duas psicólogas que atendem em Porto Alegre.

O primeiro contato foi realizado com uma instituição, em Porto Alegre, que oferece psicoterapia a surdos, através de Libras. Por meio dessa instituição, se obteve o contato do psicólogo responsável pelos atendimentos. Ao solicitar a este psicólogo indicações de outros profissionais que exercem a prática estudada, este indicou duas psicólogas que também trabalham em Porto Alegre, sendo que foi possível marcar um encontro com uma destas profissionais. Após muitas buscas na *Internet*, encontrou-se mais cinco profissionais e destes, foi realizado contato com uma psicóloga e um psicólogo, que também aceitaram contribuir com este estudo. Portanto, a amostra foi constituída por quatro psicólogos.

Devido ao número relativamente baixo dos psicólogos encontrados via *Internet*, foi utilizada a amostragem por bola de neve. Segundo Vinuto (2014), esse tipo de amostragem pode ser muito útil para pesquisar grupos difíceis de serem acessados e inclusive quando não há conhecimento sobre sua quantidade. Esta autora traz que a amostragem por bola de neve caracteriza-se como não probabilística e que usa cadeias de referência. Em um primeiro momento, para a execução dessa amostragem, utilizam-se estratégias a fim de localizar as pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. Tais estratégias podem ser a pesquisa em documentos, a própria *Internet*, além de informantes-chaves, que são chamadas de *sementes* e que vão contribuir na localização e contato dos participantes da pesquisa. Após as pessoas indicadas pelas *sementes* indicam novos contatos, a partir de sua própria rede de pessoas e, assim, sucessivamente.

Portanto, a partir dos contatos obtidos, a produção de dados aconteceu em Porto Alegre. Após leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), a pesquisa teve como procedimento entrevistas individuais semiestruturadas, baseadas em um roteiro de questões (ANEXO B). Tais entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e analisadas. A utilização da entrevista como técnica de coleta de dados, segundo as autoras Rosa e Arnoldi (2014), deve ser feita quando o pesquisador necessita de respostas mais profundas, para que os resultados da sua pesquisa sejam atingidos de forma fidedigna.

Três profissionais optaram por responder à entrevista em seus consultórios, enquanto uma psicóloga preferiu que fosse em seu apartamento. As entrevistas variaram de 37 minutos a 1 hora e 9 minutos. Entretanto, uma entrevista acabou sendo perdida, devido uma falha do dispositivo usado para a gravação. Não havendo possibilidade de retornar a Porto Alegre para realizar novamente esta entrevista, foi realizado contato com o psicólogo e, mediante a

explicação sobre a situação, sugeriu-se que lhe fosse enviado o roteiro de questões da entrevista para que este a respondesse de forma escrita. Dessa forma, uma entrevista deste estudo caracteriza-se por ser um material escrito, apesar de a entrevista oral e presencial ter sido realizada.

2.2 Participantes do estudo

Como descrito anteriormente, aos participantes desta pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para preservar a identidade dos entrevistados, estes serão identificados como Psicólogo 1 (P1), Psicóloga 2 (P2), Psicólogo 3 (P3) e Psicóloga 4 (P4). Na sequência, segue uma breve descrição dos sujeitos.

O Psicólogo 1 concluiu sua graduação em 2012, pela PUC de Porto Alegre. Possui formação em Psicanálise e atende surdos desde 2015. Aprendeu Libras através de um curso ofertado via EaD em 2012 e mais tarde, em 2014, se inscreveu para fazer o curso de Libras em uma escola de surdos. Possui consultório particular e atende também em uma clínica em Porto Alegre.

A Psicóloga 2 se formou em 2010, pela UNISINOS. Está terminando sua formação em psicoterapia psicanalítica e finalizou sua especialização em Tradução e Intérprete de Libras em 2015. A monografia do seu curso de Tradutora e Intérprete de Libras acabou se transformando em seu projeto de mestrado, o qual realiza na UFRGS. Possui também formação em acompanhamento terapêutico. No momento, não atende surdos, mas direciona seu trabalho aos pais e familiares de surdos. Seu projeto de mestrado consiste em entrevistar profissionais que trabalham com psicoterapia psicanalítica ou psicanálise com surdos.

O Psicólogo 3 se graduou em 2015 pelo Centro Universitário Metodista – IPA. Possui especialização em Psicanálise e atende surdos desde janeiro deste ano. Realizou curso de Libras na Ulbra de Canoas, logo depois de concluir o ensino médio. Oferece atendimentos de acolhimento gratuitos na instituição FENEIS para os surdos.

Por fim, a Psicóloga 4 possui 11 anos de atendimento de surdos. Formou-se na PUC em 2006. Possui especialização em Educação Especial e Tecnologia para pessoas com deficiência pelo CESUCA e realizou o curso de Libras em 2005 e 2006, nos níveis básico, intermediário e avançado. Trabalha também na área organizacional como Consultora em Inclusão. O primeiro contato com a Libras ocorreu em 2005, no estágio obrigatório que realizou em uma escola de surdos.

Quadro geral dos participantes:

Participantes	Instituição em que se formou	Tempo de Formação	Tempo de Atendimento a Surdos
Psicólogo 1	PUC RS	Seis anos	Desde 2015
Psicóloga 2	UNISINOS	Sete anos	Atendeu por um tempo, mas agora dedica-se à pesquisa com surdos.
Psicólogo 3	Centro Universitário Metodista - IPA	Dois anos	Desde janeiro de 2017
Psicóloga 4	PUC RS	Onze anos	Desde 2006

2.3 Procedimentos para a análise de dados

A análise de dados se deu a partir das falas dos psicólogos entrevistados. Nesta perspectiva, buscou-se compreender as interpretações sobre temas essenciais que envolvem a questão da prática clínica com surdos, tendo a cultura, a língua de sinais e a comunidade surda como elementos indissociáveis da psicoterapia com surdos.

2.4 Procedimentos Éticos

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, sob número CAAE 72105717.0.0000.5343.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Caracterizando a surdez a partir de seus aspectos biológicos

Ao se realizar uma breve pesquisa histórica sobre a surdez, apercebe-se que tal condição era, e ainda é, alvo de inúmeros discursos e controvérsias daqueles que se debruçaram ao seu estudo e compreensão. Percebida como um castigo, maldição, loucura e até mesmo uma patologia passível de cura, desde tempos longínquos a surdez foi percebida com desprezo, preconceito e ignorância, fazendo com que os surdos fossem excluídos do convívio social.

A fim de contextualizar a surdez, neste primeiro momento em seu viés biológico, cita-se Aragon e Santos (2015) que descrevem a audição humana. Explicam que esta ocorre através da orelha, sendo este órgão dividido em três partes: orelha externa, média e interna. Assim, o processo auditivo ocorre primeiramente através da captação das vibrações dos sons pela orelha externa, que são transportadas pelo pavilhão e pelo canal auditivo até o tímpano. Neste processo, ocorre a vibração de três pequenos ossos: martelo, bigorna e estribo. Essas vibrações chegam ao ouvido interno e fazem com que o líquido presente na cóclea se mova. Alves (2012), evidencia que é na cóclea que ocorre a decodificação dos estímulos auditivos. Dessa forma, são produzidos sinais elétricos que são dirigidos por meio das extremidades dos nervos auditivos e enviados ao cérebro, onde a mensagem recebida é decodificada e assim é produzida a sensação sonora, ou seja, o som.

Desse modo, considera-se que qualquer modificação nas estruturas que geram a audição, pode causar a perda auditiva, sendo que esta poderá variar conforme sua intensidade. A perda auditiva pode se dar de maneira natural, ou pela exposição em demasia a altos níveis de ruídos. (ALVES, 2012).

A surdez, segundo Souza (2015) e Buzar (2015), é a denominação dada à perda bilateral, parcial ou total do sentido da audição. Desse modo Buzar (2015) e Monteiro, Silva e Ratner (2016), explicam que a perda auditiva é multicausal, sendo que as viroses, amigdalites, intoxicações decorrentes do uso de medicamentos, traumatismos obstétricos, traumatismos cranianos, doenças como sífilis, febres eruptivas, embriopatias, otites, meningoencefalites, além de corpos estranhos no canal auditivo, drogas ototóxicas, causas congênitas, rubéola gestacional, aspectos hereditários, anóxia, entre outros, podem vir a provocar surdez. Assim sendo, Monteiro, Silva e Ratner (2016) abordam que a surdez pode ainda ser classificada em dois tipos: a perda auditiva condutiva, que ocorre quando há obstruções da orelha externa como tampões de cera, infecções, perfuração no tímpano, e perda neurossensorial, provocada por agravos nas células ciliadas da cóclea.

Conforme Talask (2006), a surdez pode ser classificada de acordo com os níveis de perda auditiva. Assim, a autora aponta que as pessoas com surdez podem receber a classificação de parcialmente surdos e surdos. Sujeitos diagnosticados com surdez parcial, apresentam uma surdez leve ou moderada, enquanto que os sujeitos classificados como surdos apresentam surdez severa ou profunda. Na surdez leve, a perda auditiva é de até quarenta decibéis, o que caracteriza uma dificuldade em se perceber os fonemas da palavra. Porém, tal dificuldade não impede o desenvolvimento da linguagem. Pessoas com surdez moderada podem apresentar uma perda auditiva entre quarenta e setenta decibéis, necessitando uma intensidade na voz para que seja percebida. A surdez severa corresponde à perda auditiva de setenta a noventa decibéis, em que a pessoa consegue identificar alguns ruídos, mas poderá perceber apenas a voz forte. Crianças com surdez severa podem chegar até quatro ou cinco anos sem aprender a falar. Por fim, a surdez profunda é quando a perda auditiva é superior a noventa decibéis. Neste caso, o sujeito não consegue adquirir a linguagem de forma natural e consequentemente não utiliza a fala como meio de comunicação. Isso se deve pelo fato do sujeito não perceber estímulos auditivos externos. (TALASK, 2006).

3.2 Considerações históricas acerca da surdez e dos surdos

Para a reflexão acerca da surdez, é de extrema importância entender sua construção histórica e social. Thoma (2006) em seu texto intitulado *Educação dos surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos*, aponta que os discursos sobre a surdez vêm sendo construídos por diferentes interpretações ao longo dos anos. De acordo com Buzar (2015) há uma grande valorização do uso da fala. Assim, ao longo dos tempos (e ainda hoje), a fala é considerada como imprescindível para o desenvolvimento cognitivo sendo atrelada como o processo único para a aquisição da língua oral. Considerava-se, portanto, que a fala era uma condição para ser humano. Em sua tese de doutorado intitulada *Da Libras ao Silêncio: Implicações do olhar winnicottiano aos surdos em sofrimento psíquico grave*, Buzar (2015) aborda que na Grécia se possuía a concepção de que a capacidade de articular a fala é algo instintiva, nato do ser humano e não decorrente de um processo de aprendizagem. Dessa maneira, aquele sujeito que não falava a língua oral era considerado mudo, incapaz, não humano.

A etimologia da palavra surdo tem origem do grego *kofó*, que trazia a ideia de falta, deficiência, vazio, ineficaz. (BUZAR, 2015). Além disso, segundo Skliar (2011), os surdos são compreendidos em um paradigma de medicalização da surdez, consequência de ideias médicas dominantes. Este autor infere que há mais de cem anos são exercidas ações com o objetivo de

corrigir, normalizar, separar e negar a existência da comunidade surda e de toda sua cultura e identidade, temas que serão explanados ao decorrer deste estudo. Neste sentido, Buzar (2015) expõe que a surdez foi estereotipada e rotulada. Essas concepções, influenciaram decisivamente a sociedade e instituições que estabeleciam alguma proximidade e contato com surdos, como igrejas, a família e mais tarde a escola, a medicina além da Psicologia. Tais fatos correspondem ao que Thoma (2004) apresenta em seu texto *A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema*, em que os surdos têm sido enquadrados ao longo dos tempos em discursos religiosos, médicos terapêuticos e de caridade.

Thoma (2006) destaca que os discursos sobre a surdez e os surdos, perpassam desde o aniquilamento destes nos povos espartanos e gregos, o conformismo piedoso do Cristianismo; pela segregação e marginalização impostas por exorcistas e esconjuradores da Idade Média, pelo paradigma da institucionalização do século XVIII e o paradigma de serviços do século XX, até as políticas de inclusão escolar e social no século XXI. Merselian e Vitaliano (2009) contextualizam que os direitos e escolhas foram negadas aos surdos, ao passo que não tinham atuação no mundo econômico, cultural, social, educacional e político, por serem considerados incapazes e deficientes.

Neste contexto de exclusão, Buzar (2015) destaca as restrições que sofreram os surdos, de cunho civil e religioso, que os acompanharam durante a Idade Média até os dias atuais. Trata-se da negação à herança, casamento e celebração de missa. De acordo com a autora, a partir da Idade Moderna a maioria dos estudos médico, psicológico e educacional, demarcaram o sujeito surdo em seu *déficit* auditivo e posteriormente o enquadraram em determinado padrão.

Duarte e colaboradores (2013) enfatizam que as ideias relacionadas à surdez e ao surdo estão sujeitas a mudanças, baseadas na cultura e conhecimento da sociedade no decorrer dos anos. Destarte, tais mudanças ocorrem desde o modelo biomédico que enquadrava o surdo como doente até o modelo socioantropológico, que o empodera e o caracteriza como possuidor de cultura e língua próprias. Os autores Bisol, Simioni e Sperb (2008) explicam que o modelo socioantropológico compreende a surdez como uma diferença cultural e linguística, pois muitos surdos não se percebem como deficientes, mas sim pertencentes à uma minoria linguística. Desse modo, com esse novo discurso, a surdo é situado em um contexto de valorização de sua diferença e de sua capacidade de desenvolvimento.

Maycá (2000) por sua vez, alude que a surdez desperta curiosidade, interesse e discussões, sendo que devido às suas características, ainda hoje é considerada como uma doença. De fato, o surdo organiza seu mundo de forma visual, portanto, a surdez é algo que vai

muito além da perda orgânica, pois ela possibilita que a pessoa passe a se conectar ao mundo de uma maneira diferente do que os ouvintes, pontua a autora.

3.3 A surdez como elemento identitário dos surdos

A autora Gesueli (2006) faz importantes reflexões acerca da concepção de identidade surda, sendo assim é válido frisar nesse primeiro momento que, conforme a autora, a identidade surda era e ainda é reprimida dentro do espaço da cultura ouvinte. Dessa forma, assumir a identidade de sujeito surdo é ainda um processo difícil para muitos, pois entende-se que isso significa aceitar e assumir a própria condição de ser surdo. Além disso, a autora menciona que há ainda o compromisso de pertencer a um grupo minoritário e muito discriminado.

Conforme aponta Lopes e Duering (2003), o surdo constitui-se como um ser em construção, ao atuar na transformação e construção de uma identidade. Por conseguinte, as autoras reforçam que os surdos querem que a sociedade assim os reconheça, sem que haja preconceito, pena ou qualquer outro tipo de expressão que os inferiorizem.

Perlin (1999) em seu estudo intitulado *Identidade Surda e Educação*, utiliza o conceito de identidade no entendimento do indivíduo com múltiplas identidades, pois “a identidade surda não é estável, não está nunca completa”. (PERLIN, 1999, p. 33). Ela apresenta quatro diferentes identidades específicas ao surdo: identidade surda, identidade híbrida, identidade em transição, identidade flutuante ou incompleta. A autora refere a identidade surda ao fato de que o surdo reconhece a si mesmo como surdo, com sua cultura própria. Este não quer ser chamado de deficiente auditivo, pois perde sua identidade enquanto surdo. Conforme a autora, ser surdo é algo que se constrói, que se aprende. Já a identidade híbrida diz respeito a uma identificação tanto com a identidade surda quanto com a ouvinte. A autora referenciada, expõe seu próprio exemplo de vida, em que perdeu a audição aos sete anos de idade. Assim, esta traduz internamente para a Língua Portuguesa, mas também sente necessidade de utilizar a Libras. A identidade em transição refere-se aos surdos que nunca tiveram contato com a comunidade surda, que quando o tem, sua identidade passa a ser modificada. Por último, a autora descreve a identidade flutuante ou incompleta, que é muito comum aos surdos que estão na integração e a quem foi negado o encontro com a identidade surda. Nesta categoria, ocorre de os surdos prezarem a ouvintização e desprezarem a cultura surda. Pontin (2015) expõe que para os surdos, a surdez corresponde à um fator identitário, com possibilidade de pertencimento a uma comunidade específica, em termos linguísticos e cultural, que lhe propicia orgulho de ser surdo e orgulho de sua diferença.

3.4 A comunidade surda enquanto comunidade linguística e cultural

De acordo com Reichert (1999), autor que nasceu surdo, este aborda que os surdos correspondem a uma minoria se comparados aos ouvintes. Assim sendo, os surdos são vistos como diferentes pelos ouvintes, ao mesmo tempo em que se percebem como normais e veem os ouvintes como diferentes. Dessa maneira, Vieira-Machado (2010) infere que a surdez se constituiu como algo fundamental para a caracterização da comunidade surda, ao ser percebida como um primeiro traço da identidade. Já Duarte e colaboradores (2013) apontam que a comunidade surda no uso da língua de sinais como meio de comunicação, sente-se pertencente à cultura surda. Assim, é construído um grupo com suas próprias especificidades relativas à linguagem, cultura, normas sociais e identidade própria. De forma similar, as autoras Machado e Feltes (2010) explicitam que para aqueles que estão inseridos na comunidade surda, o uso da língua de sinais é um meio de expressão e comunicação entre os membros.

Thoma (2004) destaca que a comunidade surda pontua distinções entre os surdos e ouvintes. Entretanto, não são distinções baseadas na audiometria, que os normaliza e os compara aos ouvintes, mas sim baseadas nos surdos como sujeitos possuidores de uma cultura de âmbito visual e pertencentes a uma comunidade plural, mas comum nas marcas de exclusão pela condição de não ouvirem.

A autora Karnopp (2010) menciona que os surdos vivem na comunidade surda participando das associações de surdos, realizando atividades todos juntos, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas e que o principal marcador identitário das comunidades é o uso da língua de sinais. Conforme a autora, no Brasil foram obtidas importantes conquistas das comunidades surdas. Como exemplos, traz o reconhecimento da cultura surda e a oficialização da Libras. A comunidade surda utilizou de meios políticos, culturais e artísticos para denunciar a condição que os surdos eram submetidos: de menosprezo e humilhação. Tinham por objetivo confrontar o modelo clínico-patológico dominante na educação de surdos. Nesta perspectiva, Klein (2004) afirma que a comunidade surda com seus movimentos sociais, vem lutando na construção de políticas que atendam às suas especificidades, participando de diferentes ações, como debates com a sociedade, organizando encontros, seminários e conferências, afim de discutir e mostrar as suas lutas.

3.5 A cultura surda

O conceito de cultura surda começou a ganhar destaque nos discursos há aproximadamente 20 ou 25 anos atrás, segundo Gomes (2011). Conforme o relato de Reichert (1999), a cultura surda não está bem definida. Entretanto, a afirmação mais prevaiente nos

dias de hoje é a de que o surdo é multicultural. Segundo o autor, a cultura surda se constitui a partir do jeito de viver dos surdos, com sua linguagem, suas lutas, suas festas. Gesueleli (2006) também pontua acerca da cultura surda, que esta passa a existir na afirmação da língua e da comunidade, mostrando assim, suas expressões artísticas, humor e poesia. Karnopp (2010), em seus estudos referentes à literatura surda, aborda que esta pode desempenhar o papel de transmitir a cultura surda, colocando em evidência manifestações da língua e da arte, oriundas da experiência visual dos surdos. Assim, a literatura surda, de acordo com a autora, é intrínseca à cultura, na medida em que é contada na língua de sinais de determinadas comunidades linguísticas, através de histórias de vida, contos, fábulas, lendas, piadas, entre outras. Destaca-se aqui, que a autora traz algumas histórias que trazem a importância da língua de sinais bem como da cultura e identidades surdas: Cinderela Surda, Rapunzel Surda e Patinho Surdo.

Segundo Lopes e Veiga-Neto (2010), a cultura pode ser entendida como práticas possíveis de serem significadas por determinado grupo de pessoas, que no caso dos surdos, vivenciam a experiência visual de uma forma similar. Paula (2009), de forma semelhante, explana que a cultura pode ser caracterizada como uma rede de significados produzidos no coletivo a partir de espaços e situações sociais. Tal produção de significados, aponta a autora, faz definir as normas, valores, comportamentos, formas de organização social.

Os surdos podem ser compreendidos como um grupo que se reconhece como tal, que se encontra na ordem do acontecimento cultural, “na ordem da luta permanente do tornar-se, do vir a ser, frente a outros (s) grupo (s)”. (LOPES; VEIGA-NETO, 2010, p. 128). Os autores mencionam ainda que a cultura surda, semelhante a outras culturas “jamais conhecerá a tranquilidade do viver sem luta” (p. 128). E podemos compreender essa ideia de luta a partir do que expõe a autora Cromack (2004), que contextualiza que a cultura bem como a comunidade surda, estão enquadradas na cultura hegemônica ouvinte, sendo formadas dessa maneira com base na exclusão e na visão negativa atribuída à surdez e suas especificidades.

Ao refletir sobre a cultura surda, Perlin (2004) apresenta que é através do contato com a cultura surda que o surdo irá construir sua subjetividade, porém, isso não quer dizer que a cultura ouvinte não irá influenciar de algum modo a constituição subjetiva do surdo, visto que como Cromack (2004) enfatiza, o surdo pode muitas vezes mover-se entre as culturas surdas e ouvintes. Entretanto, a autora menciona que em relação à construção de sua identidade, o surdo necessita de recursos completamente visuais.

3.6 A língua de sinais como meio de comunicação dos surdos

A língua de sinais surgiu devido a uma necessidade natural dos surdos para se comunicarem, onde o espaço-visual constitui-se como sua modalidade linguística. (MACHADO; FELTES, 2010). Karnopp (2004) enfatiza essa mesma característica de língua natural decorrente em espaços de comunidades linguísticas de surdos.

Desde tempos primórdios, os surdos foram estigmatizados e marginalizados, pois acreditava-se que lhes faltava a característica primordial para serem considerados humanos: a linguagem oral. A língua de sinais era percebida como uma mímica pautada apenas em gestos. (SANTANA; BERGAMO, 2005). Silva (2015) contextualiza a língua de sinais referindo-se ao filósofo grego Aristóteles (384 a. C.-322 a. C.) que considerava a linguagem como atributo que daria condições para o indivíduo ser humano, todavia a linguagem só seria possível através da fala. Neste sentido, construiu-se o entendimento de que aquele que não fala, não pode receber ensinamento. Ou seja, o surdo que por não perceber estímulos auditivos externos, fundamentais para o desenvolvimento da fala, acabavam por não adquirir a linguagem oral, logo eram vistos como incapazes de serem ensinados.

Silva (2015) aborda que em meados do século XIV, nobres da sociedade passaram a contratar professores que ensinavam os surdos a ler e a escrever, sendo que é dessa época, segundo o autor, que datam os primeiros registros do uso da língua de sinais utilizadas com o propósito de oralização. Conforme o autor, um dos pioneiros foi o padre espanhol Pedro Ponce de León (1520-1584), cuja metodologia usada foi aperfeiçoada por Juan Bonet (1579-1629), que em 1620 publicou um manual de ensino com língua de sinais própria, um alfabeto digital, e métodos de manipulação do aparelho fonador e da musculatura orofacial, além da leitura labial.

Ainda segundo Silva (2015), o primeiro educador a reconhecer que os surdos podiam se comunicar sem necessariamente utilizar a fala foi o padre francês Charles L'Épée (1712-1789) fundador do Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris. Conforme expõe o autor, L'Épée sistematizou sinais e associou os gestos à linguagem escrita, a partir das observações que fizera dos surdos que frequentavam sua igreja, na maneira como se comunicavam. O padre foi o primeiro que percebeu que o aprendizado pela Língua de Sinais Francesa ocorria de forma mais natural para os surdos. O método de L'Épée foi levado para os Estados Unidos por Thomas Gallaudett (1787-1851), com o apoio de um surdo francês chamado Laurent Clerc (1785-1869). A Língua de Sinais Norte-Americana na primeira escola para surdos do país foi fundada em 1817. Em 1864 foi fundada a primeira instituição superior do mundo para surdos. (SILVA, 2015).

Ainda que evidenciada como a forma mais eficaz de comunicação e ensino aos surdos em detrimento da oralização, a língua de sinais passou por períodos conturbados em sua história. Aqueles que defendiam o método oral, chamados de oralistas, influenciaram governantes de vários países a reconhecer o seu método. No famoso Congresso de Milão em 1880, aconteceu uma reunião de educadores oralistas. Na ocasião, as línguas de sinais foram consideradas como desvios linguísticos e foram proibidas na educação de surdos, o que refletiu no Brasil também. (SILVA, 2015). Após banidas as línguas de sinais, no século XX, conforme aponta Silva (2015), entra em circulação os aparelhos elétricos de amplificação sonora, viáveis para aqueles que possuíam ainda algum nível de audição, mas inúteis para surdos profundos.

Silva (2015) aponta que na década de 60, William Stokoe (1919-2000) professor americano, notou que a língua de sinais possuía estruturas linguísticas similares às línguas orais. Desse modo, em 1965, Stokoe publicou o primeiro dicionário da língua de sinais norte-americana, agregando mais de três mil sinais. A valer, os trabalhos desenvolvidos por Stokoe e Gallaudet na defesa da língua de sinais norte-americana, influenciaram as comunidades surdas de outros países a desenvolverem suas línguas. Atualmente, além da Libras, há mais de quarenta línguas de sinais reconhecidas pelo mundo. (SILVA, 2015).

No Brasil, foi em 1856 que o francês E. Huet, professor surdo que utilizava o método de L'Épée veio para o Rio de Janeiro. Em 26 de setembro de 1857, foi fundado o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, que existe até hoje, com o nome de Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, do qual Huet foi diretor. Em um primeiro momento, o Instituto funcionava como internato, onde vinham surdos de todo o país. Foi a partir deste relato histórico que surgiu a Língua Brasileira de Sinais - Libras. (SILVA, 2015).

De acordo com Cattalini e Fornazari (2007) e Karnopp (2013), no Brasil foi em 2002, através do Decreto Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que se oficializou a Libras como um meio de comunicação utilizado pelos surdos no país. Já a profissão de intérprete e tradutor de Libras foi regulamentada pela Lei Nº. 12.319 de 1º de setembro de 2002. Duarte e colaboradores (2013) e Karnopp (2013) enfatizam que a luta dos movimentos surdos e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS, foram essenciais para a oficialização da Libras, que garante o acesso e ensino de Libras, a formação de instrutores e intérpretes e a presença de intérpretes em locais públicos. Já Dizeu e Caporali (2005) reforçam que a língua de sinais deve ser respeitada enquanto língua, visto sua função que objetiva a comunicação.

3.7 A surdez como objeto de estudo da Psicologia: enlaçamentos históricos

Compreende-se que o interesse da psicologia no estudo da surdez, de acordo com Monteiro, Silva e Ratner (2016), está diretamente ligado à construção do campo de educação dos surdos. Os autores contextualizam que no Brasil, ações com vistas à sistematização da educação para os surdos iniciou em 1857, com a chegada do professor francês surdo, Huet, a convite de D. Pedro II.

Lane (1992 apud DALCIN, 2004, p. 5) expõe que estudos embasados na Psicologia se utilizaram de rigorosas avaliações para fins de comprovação sobre a anormalidade do funcionamento do surdo. Para isso, de acordo com o autor, o surdo passava por exames neurológicos, testes psicométricos, de atenção, memória, de motricidade fina e grossa, coordenação viso-motora, lateralidade, testes projetivos, etc. A partir destes estudos, concluiu-se que a surdez causava condutas anormais, tanto em âmbito social, comportamental e emocional, além de prejuízos cognitivos, gerando assim uma patologização dos surdos. De acordo com Dalcin (2004) a psicologia embasada no discurso clínico dominante, conferiu ao surdo a designação de deficiente auditivo, considerando-o como incapaz, anormal, defeituoso, enfermo, além de enfatizar o não funcionamento da audição. A autora problematiza o quanto que a psicologia ignorou a constituição psíquica do surdo, que inclusive considerava a língua de sinais uma forma de comunicação insuficiente e precária, utilizada pela criança antes de falar.

Solé (2004) aponta que desde o início dos estudos sobre a surdez, a Psicologia tinha como foco a capacidade cognitiva da criança surda. Com o desenvolvimento da psicometria nos anos 50, conclui-se que o surdo apresentava sua capacidade intelectual abaixo da média, se comparado ao ouvinte. Embora, destaca a autora, estes testes psicométricos utilizados eram desenvolvidos para verificar a cognição de crianças ouvintes, fato que em nenhum momento foi pontuado tampouco questionado. Nesta concepção, a autora expõe que a chamada psicologia da surdez estabelece uma visão clínico-terapêutica educativa da surdez, a qual compreende que esta, independente do grau de perda, gera transformações negativas no desenvolvimento da criança surda.

3.8 A prática psicológica clínica com surdos

Silva e Carmo (2016) enfatizam que os surdos que buscam por atenção psicológica encontram inúmeras dificuldades e barreiras para o seu acesso. E isso se deve, principalmente,

pela falta de autonomia que os surdos possuem perante à sociedade, bem como o não partilhar de uma língua comum com a maioria das pessoas.

Talask (2006) pontua que, em geral, os atendimentos ao surdo baseiam-se naqueles realizados em escolas de educação especial ou em clínicas especializadas, geralmente em parceria com a fonoaudiologia e a medicina. A autora menciona que raramente são encontrados profissionais que conhecem a Libras ou que são habilitados para o seu uso, o que conseqüentemente caracteriza-se como um impedimento para que os surdos recebam atendimento psicoterapêutico. Entretanto, Arantes e Vitoriano (2016), explicam que por não existir cursos de capacitação para psicólogos que atendem surdos, torna-se muito difícil encontrar profissionais que desenvolvem essa prática. Por conta disso, o próprio psicólogo terá que aprender Libras e fazer com que esta aprendizagem tenha efetividade. Para isso é preciso o contato e convivência junto à comunidade surda, a fim de que se construa o aprimoramento profissional necessário para atender a essa demanda.

Solé (2004), a partir de seu texto *A surdez e a psicanálise: o que é dito*, traz que os surdos sinalizantes que buscam um espaço para expressar suas inquietações e angústias são atendidos ainda por terapeutas que não usam ou desconhecem a língua de sinais. Estes profissionais, dessa forma, não sabem diferenciar no discurso de seu paciente o que é resultante de sua condição social e o que é patologia estrutural. Como exemplo, a autora cita o grande número de crianças surdas que recebem o diagnóstico de autismo por profissionais mal instrumentalizados ou ainda aquelas crianças surdas com diagnóstico de psicose que não são tratadas, pois seus sintomas são considerados como decorrentes da surdez e não da psicose.

Compreende-se que o objetivo do psicólogo é a de promover o respeito, a dignidade bem como a integridade das pessoas, além de sua integração social. Neste sentido, Talask (2006) acredita que o profissional de psicologia deve conhecer a língua de sinais, para que assim possa promover a inclusão e a comunicação. Dessa forma, os surdos terão a possibilidade de expor e trabalharem suas questões em terapia, assim como os ouvintes. Ressalta ainda, que a psicoterapia é necessária ao surdo, na medida em que trabalha em prol da aceitação de sua diferença, de sua autoestima, entre outros.

Segundo Talask (2006), como não há como ter a presença de um intérprete durante as sessões da psicoterapia, esse fator aguça ainda mais as dificuldades dos surdos frente ao atendimento psicológico. Neste viés, Silva e Carmo (2016) e Talask (2006) problematizam que a participação do intérprete no contexto da atenção psicológica implica na inclusão de uma terceira pessoa no processo, o que conseqüentemente pode interferir no atendimento e na relação terapeuta-paciente, além do fato de que no ato de interpretar podem estar presentes os

sentimentos do intérprete. Sendo assim, não há como atestar uma fidedignidade no que está sendo transmitido. Talask (2006) e Arantes e Vitoriano (2016) pontuam que um dos maiores empecilhos enfrentados pelos surdos de fato, é encontrar um serviço que disponibilize recursos para atendê-los, respeitando é claro, sua diferença. Segundo essas autoras, quando o surdo se comunica através de sua língua mãe, assume também nesse processo, sua identidade surda.

Souza (2015) traz que o desenvolvimento e os processos de subjetivação do surdo compreendem dinâmicas diferenciadas das percebidas junto aos ouvintes. Dessa maneira, cabe ao psicólogo desenvolver uma abordagem metodológica específica com os surdos que buscam atendimento, a começar, principalmente, pelo uso de Libras.

Em sua opinião, Souza (2015) infere que para ser um bom profissional psicólogo, é preciso ir além do que é aprendido no contexto de sala de aula, participando de congressos, eventos, e buscando leituras de livros, artigos, pesquisas, a fim de manter-se atualizado e informado acerca das possibilidades da profissão. Ressalta que para os psicólogos que almejam o trabalho com surdos, faz-se necessário conhecer a cultura do referido público, sua história bem como a Libras, fatores potenciais que podem colaborar com o sucesso do processo terapêutico.

Já o autor Gonçalves (2005) considera o desafio de atender aos surdos intrigante. Este infere que no Brasil a atenção psicológica aos surdos é praticamente inexistente. Todavia, o atendimento ao surdo “pode constituir trilha possível para adentrarmos essa linguagem do silêncio, aprendendo a ouvir com os olhos, e perceber, na magia dos gestos e movimentos, as imagens da alma e do inconsciente.” (GONÇALVES, 2005, p. 17).

Portanto, é interessante frisar o quanto os surdos alcançaram importantes conquistas referentes aos seus direitos enquanto cidadãos. Todavia, é inegável que há muitas dificuldades encontradas pelos surdos, seja no âmbito social, mas também no pessoal, pois estes convivem com emoções, sentimentos, questões conflitivas que podem gerar um grande sofrimento. Daí a necessidade de existir um sistema de atendimento psicológico que leve em consideração suas necessidades e peculiaridades. (ARANTES; VITORIANO, 2016). Como bem coloca Arantes e Vitoriano (2016), apesar de todas as conquistas referentes à inclusão dos surdos, à implementação de leis designadas para a educação, à oficialização e o ensino da Libras, à formação de intérpretes, ainda é raro e precário o progresso na atenção psicológica destinada aos surdos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das entrevistas realizadas com os psicoterapeutas, emergiram alguns pontos cruciais que permitem compreender melhor como ocorre o processo de psicoterapia com surdos, através da Libras. Os dados foram organizados nas seguintes temáticas: Trajetória dos profissionais: como se constituíram enquanto psicoterapeutas para surdos; O sujeito surdo na percepção dos psicólogos; O processo de psicoterapia com surdos; Dificuldades dos psicólogos frente à prática clínica com surdos e Motivação dos psicólogos para a *escuta* clínica com surdos.

4.1 Trajetória dos profissionais: como se constituíram enquanto psicoterapeutas para surdos

Esta temática diz respeito à discussão de como estes profissionais se constituíram enquanto psicoterapeutas para surdos, trazendo para análise o primeiro contato com a Libras e com os surdos.

Eu nunca tinha tido contato com surdo antes, né [...] Eu, no final da faculdade, tinha uma disciplina, acho que lá pelo oitavo semestre, Psicopedagogia Terapêutica. E aí a gente tinha que fazer trabalhos em grupos sobre deficiências de maneira geral. Né, então para cada grupo tinha uma deficiência, calhou no meu grupo a surdez. Né, deficiência auditiva. Eu fui estudando sobre deficiência auditiva, né, causas, consequências, implicações, atendimento[...] enquanto eu fazia minhas pesquisas eu pensei e tá, mas, será que tem alguém que trabalha com surdo? Se um surdo vai no médico, o que ele vai, como ele vai fazer? Né, vai em qualquer lugar e tal... e guardei assim né, essa pulga deixei atrás da orelha. Quando estava o grupo apresentando o trabalho eu perguntei né, para a professora: oh professora, tu conhece alguém que seja psicólogo e atenda em Libras, pessoas surdas? Ela: olha, eu conheço uma ou duas pessoas. Eu digo, humm. Aí eu pensei, eu vou ser a terceira pessoa. (P1)

Bom, faculdade, nunca ouvi falar! (P2)

Me formei na faculdade e eu me interessei pelo tema assim, de uma forma bem, tipo despreziosa, digamos assim. Eu estava assistindo um seriado de televisão, não sei se tu conhece o Cold Case? É um seriado que tem aí. E a história de um menino surdo que se envolvia em um assassinato e daí começou a mostrar vários problemas psicológicos do guri assim, e eu: tá, mas quem é que ouve, né, essa pessoa e na hora eu fui para o Google. Eu não encontrei nada! (P2)

A motivação iniciou no curso de LIBRAS na Ulbra-Canoas, logo depois de concluir o ensino médio, na qual não sabia qual curso queria para ingressar na graduação. No curso de LIBRAS, uma professora de séries iniciais, destacou uma frase que me fez refletir sobre a pedagogia estar avançada do que a psicologia no processo de inclusão. (P3)

O contato com Libras foi em 2005 no último estágio da faculdade, no estágio obrigatório, porém poderia escolher a área que eu iria seguir, né [...] E aí eu

fui nessa escola de surdos. A escola de surdos tinha uma psicóloga com deficiência auditiva leve[...] E aí houve aquilo que a gente sempre faz entre surdos e ouvintes que é a comunicação truncada! A gente na verdade não estava falando a mesma língua. E ela entendeu que eu era a nova estagiária dela designada pela PUC. Na verdade, eu havia dito que iria conhecer a escola, que eu iria decidir até o final do dia. E aí ela falou: vamos para a sala dos professores, vou te apresentar para o pessoal. Eu achei estranho, né! Poxa, estou fazendo uma seleção, eu vou ser apresentada para o pessoal. Beleza, fui. E aí lá ela sinalizou também, porque ela né, sabia a língua de sinais e falou: ó pessoal, essa é a ..., nossa nova estagiária! Daí eu pensei... bom, sou a nova estagiária! Me dei conta que tinha tido uma falha de comunicação grande entre a gente. Porém, eu me senti muito acolhida, assim. E aí vieram professores surdos perguntar se eu sabia Libras, quando que eu começava, surdos oralizados e se eu já tinha sinal. E eu achei aquilo tudo muito curioso assim, muito desafiador assim. E eu saí de lá com a certeza assim, que aquele era o meu local, sabe. (P4)

Conforme a fala do Psicólogo 1, o primeiro contato que este participante teve com o assunto foi durante sua formação. Todavia, pode-se pensar na visibilidade deste tema dentro da instituição a qual este profissional se formou, visto que o participante somente estudou a temática quando se encontrava no oitavo semestre de graduação. Assim, presume-se que este assunto não é problematizado durante a formação acadêmica, o que reflete nos estudos sobre tal, que são praticamente inexistentes

Embora muito se fala sobre a inclusão e acessibilidade, estas acabam sendo percebidas em um viés de inclusão na educação e acessibilidade arquitetônica, sem de fato dar-se conta do quanto este tema pode e deve ser problematizado nos diferentes espaços sociais e durante a formação superior. Chama a atenção também no discurso deste participante, o pequeno número de profissionais que disponibilizavam atendimento clínico aos surdos, sendo que isso também se constituiu como uma motivação para este profissional estudar e atuar no atendimento a este público.

Tal situação também é trazida pela Psicóloga 2, que afirma nunca ter ouvido sequer falar sobre atendimento clínico com surdos, através da Libras durante a graduação. Traz que percebeu a escassez do trabalho do psicólogo voltado ao atendimento deste público como também de estudos na área, quando se sensibilizou com os conflitos emocionais vividos por um surdo personagem de uma série.

Em uma sociedade em que muito se pensa em estratégias de garantir o acesso a serviços a todas as pessoas, é impactante perceber a carência em relação à atenção aos surdos. Falta de estudos da área da Psicologia sobre o tema faz refletir o quanto que esta formação (não) dirige o olhar para essa questão ou até mesmo o quanto os psicólogos não direcionam seu trabalho para essa demanda. Ora, se um profissional que se propõe a atender crianças, adolescentes, adultos e idosos, casais, famílias, todos sujeitos singulares e diferentes entre si, mas não atende

surdos, talvez tenha que refletir o quão importante seria se expandisse seu trabalho a esses outros públicos. Obviamente, cada psicólogo se identifica com determinadas abordagens, assuntos, áreas. É possível também que o atendimento de surdos não corresponda aos interesses de alguns psicólogos. Outros podem desconhecer totalmente este assunto. Porém, apesar disso, os surdos merecem a atenção que lhes é devida, o cuidado, profissionais de referência que possam procurar quanto necessitarem e que de fato se sintam acolhidos. Porém, não seria utopia pensar dessa forma se os próprios profissionais saem muitas vezes com sentimento de despreparo da academia? Como realizar um bom atendimento a um surdo sem sequer ter estudado em algum momento a cultura dessa pessoa, a sua história, a Libras?

Assim sendo, cabe a reflexão sobre o quanto se discute questões que dizem respeito à deficiência e as pessoas com deficiência durante a formação em Psicologia, se de fato assuntos como as políticas públicas e o preconceito são problematizados. Nesta direção, Souza e Porrozzi (2009) atentam que a disciplina de Libras, como disciplina obrigatória em todos os cursos da saúde, se constituiria como importante espaço para se discutir questões relacionadas aos surdos. Inferem que atualmente, sendo ofertada como disciplina eletiva, não tem chamado a atenção dos estudantes que priorizam as disciplinas obrigatórias. Ademais, cabe enfatizar que os cursos de formação em Psicologia, muitas vezes são generalistas, e embora há disciplinas que têm como proposta a temática da diferença, ainda assim estas não dão conta de problematizar as especificidades desse campo.

Neste sentido, o Psicólogo 3 traz em sua fala uma importante questão para se pensar. Ao trazer que a Pedagogia está mais avançada em termos de inclusão do que a Psicologia, é possível destacar que, de fato, a Pedagogia, entre outras áreas educacionais, atua mais ativamente com os surdos e com PCDs. Parte-se do pressuposto que a educação tem fundamental importância para todas as pessoas devido às mudanças que pode proporcionar à vida destes, no que tange acesso à informação, conhecimento, preparo para o mercado profissional, formação. Desde modo, através de leis, garante-se o acesso do surdo nas instituições escolares desde a infância. Para o acesso de surdos na educação, muito se tem discutido e estudado, a fim de propiciar uma educação de qualidade a esses sujeitos, em termos de professores especializados e escolas preparadas para recebê-los. Neste sentido, Casali (2012) pontua que na área da educação há mais adaptações para os surdos do que na área da saúde, sendo que há intérpretes de Libras e uma visão mais sócioantropológica das pessoas com relação aos surdos.

Há de se destacar também, em uma perspectiva histórica, que a educação de surdos se constituiu como um ponto de interrogação para a educação. Registros apontam a primeira forma

de educação de surdos no ano 673 d. C., e no Brasil, desde a época do Império de Dom Pedro II. (DUARTE et al, 2013). Entretanto, os primeiros registros da Psicologia no trabalho com surdos datam a partir de 1950 respaldados na psicometria. Portanto, a Psicologia tem uma aproximação recente se comparada com a área da Educação.

A partir da fala da Psicóloga 4, retoma-se a formação superior no que concerne os estágios obrigatórios desenvolvidos ao final do curso. Cabe enfatizar o quanto é importante as Instituições de Ensino Superior (IES) e outras instituições voltadas ao ensino e formação, propiciar aos estudantes locais de estágio que possibilitem esse contato com a diferença, a fim de repensar a formação e as próprias práticas profissionais. Ademais, dessa forma a Psicologia vai adentrando novos espaços no acolhimento a todas as pessoas, aprendendo com estas e aprimorando os fazeres. Propõe-se questionar também o quanto que o estudante sai preparado da graduação para poder atender a quem procura o serviço de psicoterapia, visto que frente à possibilidade de atender uma pessoa surda, muitos não sabem como proceder.

Assim, Souza (2015) reforça que os Cursos de Psicologia, ao ofertar experiências diversas, inclusive junto aos surdos, constitui importante recurso frente os mecanismos de exclusão que este público enfrenta. Além disso, o autor evidencia que a expansão dos serviços de saúde, educação, segurança e justiça para todas as pessoas requer que instituições responsáveis pela formação de profissionais de diferentes áreas revisem seus projetos pedagógicos, visando à inclusão desta temática em suas grades curriculares e buscando locais de estágio que propiciem esse contato.

Cabe ressaltar também que, na fala dessa entrevistada, emerge um dos maiores obstáculos para a relação entre surdos e ouvintes: a comunicação. Todavia, o primeiro recurso para minimizar este obstáculo é se comunicar na mesma língua que o surdo. Porém, a partir das falas dos profissionais, estes não tiveram contato com a Libras como disciplina em suas formações. Face a isso, Souza e Porrozzi (2009) contextualizam a importância de se incluir a disciplina de Libras nos currículos dos cursos de graduação. Trazem que o Decreto nº 5.626/05 tornou obrigatória a disciplina nos currículos dos cursos de graduação em Fonoaudiologia, nas licenciaturas e Pedagogia. A boa notícia é que as instituições de ensino estão tomando as providências necessárias para introduzir o ensino da Libras em seus currículos, devido aos prazos instituídos pelo decreto para que todos os cursos disponibilizem esta disciplina. (SOUZA; PORROZZI, 2009). Porém, é preciso ressaltar que embora a importância da aplicabilidade da língua de sinais, propõe-se que o seu aprendizado e exercício prático não deva se limitar apenas na abordagem dessa disciplina, mas que possa ser utilizada em diferentes contextos educativos em que a diferença é problematizada.

Arantes e Vitoriano (2016) chamam a atenção que, por não existirem cursos de capacitação para terapeutas de surdos, logo se torna difícil encontrar profissionais que se dediquem a essa prática. Desse modo, são os próprios profissionais que precisam, por si mesmos, aprender Libras, além de buscar estratégias para a convivência junto à comunidade surda.

Portanto, é pertinente neste primeiro momento, refletir sobre a formação em Psicologia. Acadêmicos desta área são formados para atender a todas as pessoas. Como agentes transformadores do meio, agente de mudanças, faz-se necessário ao menos pensar acerca de questões básicas de como realizar atendimento de um surdo e de que a Libras existe e que esta representa toda uma conquista da comunidade surda.

4.2 O sujeito surdo na percepção dos psicólogos

Como um público que compreende o mundo de um modo particular, os surdos caracterizam-se por possuir uma cultura com seus próprios ritos e meio de comunicação que diferem da cultura ouvinte. Neste viés, antes de pensar como se dá o processo de psicoterapia com surdos, faz-se necessário abordar como os psicólogos percebem estes sujeitos. Porém, salienta-se que, conforme Sá (2002), ao se falar sobre os surdos, é pertinente pensar que os conceitos e critérios usados para descrever, explicar, são construções que emergiram diante de preceitos e práticas humanas, portanto falíveis e incompletos. Cabe dizer então, que as falas dos participantes constituem formas de perceber o surdo, permeadas de diferentes significados e representações, não se constituindo como verdades absolutas.

Segue as seguintes falas:

Por que assim... uma coisa é conhecer a Libras, né, a língua, o código linguístico que uma pessoa tá usando, outra coisa é pensar a nível interno, né, de subjetividade, que língua que ela fala. Né! Então pra gente acessar essa língua interna, a gente tem que passar por essa que nos comunica, né. Então, se eu não entendo a língua que a pessoa tá falando, né, ou sinalizando, como é que eu vou entender aquela que tá querendo dizer? (P1)

De que antes de atender surdo, antes de atender né, antes de atender ouvinte, eu atendo uma pessoa. Então eu me preocupo em me instrumentalizar a atender uma pessoa. Né, e isso daí, aí entra nesse campo de que não faz muita diferença, né. Bom, mas a maneira de estar no mundo do ouvinte, no mundo, onde majoritariamente é ouvinte, é um jeito, o surdo é outro. Então eu também me instrumentalizo na minha experiência com surdos, né. Por exemplo, ir numa festa junina na sociedade dos surdos, né, e tá lá. Onde eu sou a pessoa que não fala a língua deles. Onde vejo um monte de gente conversando e eu não sei do que eles estão falando, e fico ali quieto, perdido, sem saber o que tá acontecendo. (P1)

A perda de sons, é um pequeno detalhe, eles podem descobrir outros talentos e investir na arte da cultura surdez. (P3)

O atendimento de surdos ele é uma experiência intercultural assim, né. Isso é uma coisa que eu não tinha tanta noção quando eu iniciei, mas eu fui entendendo, estudando mais, me aprofundando e ganhando experiência assim e percebendo ao longo do tempo, né. Existem alguns ritos assim, alguns rituais, algumas coisas que perpassam o atendimento de surdos pelo fato deles serem de uma outra comunidade que não a nossa né. Então, de certa forma é como se fosse um atendimento de um estrangeiro assim, né, só que dentro do seu próprio país, né. (P4)

A fala do Psicólogo 1 evidencia que a *escuta* clínica com surdos requer a Libras como forma de comunicação para que assim se possa compreender melhor as conflitivas que a pessoa traz. Assim, se faz necessário compreender o que a pessoa expressa, através da língua de sinais, para entender aquilo que ela está querendo dizer. Para tanto, é preciso que o profissional esteja preparado, mas não somente no que concerne à comunicação na língua de sinais, e sim, como pontua Souza (2015), no entendimento da realidade do surdo, perpassando sua cultura, linguagem, ganhos e perdas oriundos da deficiência, refletindo e se colocando no lugar desse sujeito. O que corrobora com a segunda fala do mesmo participante, em que se percebe que o mesmo não atribui distinção se o atendimento é de surdo ou ouvinte, porém salienta que as diferenças entre estes existem, posto os modos únicos como cada sujeito percebe o mundo, pois, torna-se pertinente reforçar que os surdos não são iguais, pelo fato de serem surdos, tampouco os ouvintes são iguais, pelo fato de serem ouvintes. Desse modo, novamente agrega-se a importância de poder ter contato com os surdos, tendo na vivência da cultura e na língua recursos imprescindíveis para se (re)pensar a prática do psicoterapeuta para com este público.

É interessante o modo pelo qual este participante busca compreender a realidade do surdo, que é se inserindo nesta. As dificuldades de comunicação percebidas por ele ao participar de uma festa de surdos, podem muito se assemelhar ao deslocamento que o surdo sente no seu dia a dia ao ter que viver em uma sociedade onde a maioria das pessoas são ouvintes. É neste movimento que algumas percepções podem vir à tona para o profissional que trabalha com os surdos, acerca do quão importante é a comunicação em Libras para o surdo e do quanto esta significa para o sujeito, em termos de constituição de sua subjetividade. Também, o quão essencial é para esse sujeito poder se comunicar com outros que falam a mesma língua, construindo assim relações saudáveis, partilhando ideias, opiniões e informações.

A partir desta perspectiva, Arantes e Vitoriano (2016) inferem que o profissional psicólogo deve considerar o indivíduo como um ser único, com seu próprio discurso, considerando todas as manifestações de suas dimensões afetivas, sensoriais, emocionais, intelectuais, corporais, sociais, na tentativa de perceber como aquele sujeito se relaciona consigo mesmo e com o mundo. Ora, um psicólogo que demonstra seu interesse em aprender mais sobre o sujeito surdo e todas as instâncias que o constituem, mostra respeito pelo mesmo,

sentimento essencial para o estabelecimento de um vínculo adequado e de um processo psicoterapêutico efetivo. (ARANTES; VITORIANO, 2016).

Para o Psicólogo 3, o surdo é um sujeito em potencial. Porém, pode-se compreender, a partir dessa afirmativa, que o surdo é colocado em uma perspectiva de *vir a ser*, como alguém *com grandes chances de tornar-se*, visto que o sentido de potencial, neste caso, denota algo que pode existir, mas que ainda não foi concretizado.

O que chama atenção é que o Psicólogo 3 faz menção de o surdo investir na cultura surda. Dessa forma, entende-se que é importante que o surdo esteja inserido nessa cultura, enquanto espaço que potencializa e encoraja as capacidades desse sujeito. Porém, apesar de sua relevância, percebe-se que a cultura surda ainda é restrita a alguns lugares e espaços, permanecendo desconhecida para muitas pessoas o que interfere também na visibilidade do surdo e de seus talentos. Pontua-se o quanto que é difícil buscar um espaço na comunidade ouvinte, esta que é dominante. Na mesma lógica, pode-se entender que o preconceito social e historicamente construído impõe barreiras para aquilo que é considerado diferente. Também, há de se refletir o quanto que ainda hoje o surdo é percebido como aquele que não ouve, ou seja, como um ser incompleto.

Porém, felizmente cada vez mais se preconiza compreender o surdo sob uma ótica sócioantropológica, e não mais baseado no modelo clínico terapêutico. Ou seja, se antes o surdo era concebido a partir de sua deficiência e “educado” de modo a desenvolver a audição e a oralização, o modelo sócioantropológico, na afirmação da cultura, comunidade surda e todas as especificidades que circunscrevem esse movimento, propõem que a surdez seja vista como uma diferença e não como deficiência, valorizando assim a capacidade de desenvolvimento do surdo. (GUARINELLO; CLAUDIO; FESTA, 2012).

A fala da Psicóloga 4 evidencia o quanto a cultura surda emerge nos atendimentos clínicos. Pode-se considerar a afirmação da participante no que se refere ao atendimento ser uma experiência intercultural, devido ao fato de que a mesma é ouvinte. Fleuri (2001) faz interessante menção ao conceito de intercultural:

(...) intercultural não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se da interação entre sujeitos. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas identidades culturais diferentes. (p. 53).

Assim, a fala da Psicóloga 4 corrobora para o que Souza (2015) afirma, que a cultura se constitui como uma especificidade primeira no processo terapêutico com surdos, sobretudo por conta de que no geral, os psicoterapeutas são ouvintes, possuindo assim, outra referência.

A participante evidencia que o atendimento de surdos é permeado por rituais e que estes se devem ao fato das diferenças oriundas da comunidade surda. Tais rituais referem-se ao uso da Libras, posto que as comunidades surdas muito têm lutado para a garantia de seus direitos e dentre estes o atendimento nessa língua. Também, esses ritos dizem respeito à aceitação do profissional psicólogo pela comunidade surda. Por conseguinte, o psicólogo que atende surdos através da Libras de certa forma é “avaliado” pelo sujeito surdo, posto que este profissional poderá ser referência no atendimento psicológico a outros membros da comunidade surda. Pode-se pensar no quão imprescindível é para o surdo o acesso a um profissional que de fato o compreenda para além da língua de sinais e o quanto essa prática se constitui como uma possibilidade individual e coletiva.

Ainda sobre a fala da Psicóloga 4, ao comparar o atendimento do surdo como a de um estrangeiro, porém em seu próprio país, vai ao encontro de Wrigley (1996 apud STROBEL, 2008, p. 28) cuja reflexão impactante diz que “a surdez é um país sem um ‘lugar’ próprio. É uma cidadania sem origem geográfica”. Entende-se que tal observação possa corresponder a realidade da surdez e dos surdos: invisibilidade! Invisibilidade para além do ‘ser surdo’, invisibilidade do ser cultural, social, relacional. Sujeitos que se emudecem e se recolhem perante uma sociedade, que na proposta do cuidado, fala pelos surdos, todavia, não os ouve. Porém, Strobel (2008) afirma que os surdos não têm um país, mas ao se respeitar a língua de sinais e os valores culturais, torna-se possível adentrar ao mundo dos surdos.

4.3 O processo de psicoterapia com surdos

Entende-se a psicoterapia como ferramenta de trabalho dos psicólogos no objetivo de promover a escuta do sofrimento humano e auxiliar aquele que procura a desenvolver recursos internos para o enfrentamento de suas conflitivas. Souza (2015) traz que no atendimento clínico, o bem-estar do paciente é mister, portanto, cabe ao terapeuta que não rotule este sujeito como alguém que tenha uma patologia que precisa ser curada ou como alguém que deve se adequar às normas sociais. Para tanto, segundo o autor, na relação terapêutica que se estabelece entre psicoterapeuta e paciente, deve-se focar nos fenômenos que estão prejudicando o paciente, compreendendo-o enquanto sujeito que é afetado pelas situações que ocorrem em seu meio.

Porém, ao se pensar no processo de psicoterapia com surdos, este um público com suas especificidades e com seu próprio jeito de compreender o mundo, cabe a reflexão de como ocorre este processo em termos de adequações e adaptações necessárias para um bom atendimento. Assim sendo, as seguintes falas dos profissionais apontam as percepções que os mesmos verificam neste processo:

É, isso... aí nesse ponto, não se restringe ao surdo, né, mais daí é da maneira como eu trabalho, por que não vejo diferença. Se é uma pessoa adulta, se ela é surda ou ouvinte, eu vou trabalhar da mesma maneira, né. Vou receber, vou acolher no início, vou ver o que a pessoa tá procurando, né, vou conversar com ela, falando, bom, sobre o sigilo, sobre como é que eu trabalho, quanto tempo eu disponho a sessão, né. Que no início eu falo com a minha tendência é eu conversar com a pessoas algumas vezes pra gente pensar, se vai investir num tratamento, o que tá precisando ou não, né. Se é jovem, bom, converso com os pais, se uma criança também. Né, e assim eu vou trabalhando quanto vai custar a sessão, como vai fazer e... né, aí não faz diferença se é surdo ou se é ouvinte. Por que, por mais que tenha as suas idiossincrasias, vamos dizer assim, né, eu também entendo que, bom, são pessoas que falam outra língua. Mas antes de falar outra língua são pessoas. Então nesse ponto do encontro a nível de como eu estruturo meu atendimento, bom... que adaptações que eu preciso fazer... Tá disponível a receber um Whats se a pessoa mandar, mas se um ouvinte mandar um Whats eu também vou responder. Né, o divã eu não posso usar com o surdo. Posso até ver ele sinalizando, mas se eu falar ele não vai ver. Aí essas adaptações, né, necessárias, mas que aí é pelas nuances da língua. (P1)

Bom, o que eu te falei antes da adaptação, eu acho que a maior adaptação é no profissional né, não só com a língua, mas tem que ir atrás dessa comunidade, tem que conhecer, tem que ler. Porque é uma outra cultura completamente diferente assim, é um outro raciocínio, é um outro desenvolvimento, tanto que uma das minhas primeiras perguntas para a pesquisa de mestrado é: será que essa psicanálise que a gente faz para ouvinte serve para surdo? Sendo que ela foi criada e desenvolvida baseada em ouvintes? Hoje eu já respondo que serve, que não precisa... e a maioria dos profissionais que eu estou entrevistando defendem assim, não precisa criar uma nova teoria, né, porque a escuta do inconsciente vai ser a mesma, né, desde que tu esteja preparado para ouvir aquele inconsciente, por isso é fundamental que o profissional esteja bem preparado assim, pra receber aquele paciente, por que se daqui a pouco tu não sabe a língua, tu vai receber aquele... tu vai ficar mais preocupado, preocupado em entender o que ele está falando, será que ele falou isso, será... do que em realmente escutar o inconsciente daquele paciente, assim, né. (P2)

Sim, quando é infantil, uso a ferramentas das imagens. O surdo, tem o talento enorme com visual-espacial, ou quando surge a dificuldade nas sessões, exemplo: quando uma palavra é desconhecida para o surdo. Desconhece também o conceito e o significado desta palavra, e nesta hora, você tem que pensar outra estratégia para facilitar a comunicação, seja figuras, imagens, desenhos, etc. (P3)

Como toda a profissão, fato né, mas o atendimento de surdos, ele traz esse porém assim, que é também com fluente e o com autorizado tu está pela comunidade surda a ser um profissional que vai atendê-los. Então, tem essas coisas que a gente não pensa assim, no atendimento de ouvintes, né, a gente não passa por esses rituais, a gente não é avaliado, julgado, não existe isso assim, né, existe de outras formas, é um bom terapeuta clínico ou não, enfim. E com a comunidade surda tem isso assim. (P4)

A partir da fala do Psicólogo 1, percebe-se que o atendimento do surdo necessita de adaptações, todavia, os objetivos do terapeuta, em conversar com o paciente, escutá-lo, são os mesmos aplicados com os pacientes em geral. Desse modo, o que mais circunscreve à *escuta* clínica com surdos são as adaptações que o psicólogo deve realizar, que se iniciam desde o

momento em que o surdo entra em contato com o profissional, posto que para isso o psicólogo deverá disponibilizar recursos tecnológicos para tal, como um número para *WhatsApp*¹ ou por rede sociais, em que a comunicação ocorrerá via mensagens escritas. Nesta direção, Gonçalves (2012) afirma que atualmente os surdos, principalmente os mais jovens, possuem acesso à *Internet* e fazem uso do celular, portanto cabe ao psicólogo participar dessas redes sociais como uma forma de estabelecer vínculos com os surdos.

Uma outra característica que os psicólogos devem se ater ao realizar atendimento com os surdos, conforme a fala do participante, é estar de frente com o surdo, para estabelecer o canal de comunicação com o sujeito, visto que tal comunicação é visuo-gestual. Para tanto, nestes casos não é viável o uso do divã ou qualquer outro recurso que vá dificultar ou impossibilitar a comunicação com o paciente em Libras.

De acordo com Arantes e Vitoriano (2016), os conceitos básicos da psicoterapia podem ser aplicados tanto com surdos tanto com os ouvintes, não tendo distinção quanto a isso. Porém, os autores inferem que é na realização e efetivação do processo psicoterápico que se estabelecem as diferenças, posto que o psicólogo deve procurar entender como o paciente surdo recebeu as informações e o que compreendeu sobre as mesmas.

A fala da Psicóloga 2 reforça que o conhecimento da língua de sinais e da cultura surda, são requisitos para a preparação do psicólogo que atende surdos. Pois, se a comunicação não estiver clara, se o profissional não entender o que o indivíduo está querendo dizer, logo a escuta do inconsciente será prejudicada. Para tanto, faz-se necessário o psicoterapeuta conscientizar-se das especificidades do atendimento ao surdo e realmente estar aberto para o encontro terapêutico.

Souza (2015) propõe que o psicólogo perceba o surdo como alguém que interpreta o mundo conforme a subjetividade do universo surdo, sendo preciso recursos teóricos e técnicos diferentes dos empregados no atendimento de ouvintes. E isso se evidencia na fala do Psicólogo 3, que utiliza alguns recursos para facilitar a comunicação com o surdo. Conforme Dalcin (2004), a comunicação com os surdos muitas vezes ocorre de modo mais concreto, com ênfase nas expressões faciais e corporais, menos metaforizadas e em que o entendimento de determinados assuntos são concebidos ao pé da letra.

¹ Aplicativo lançado em 2009, que possibilita a troca de mensagens instantâneas e de chamadas de vídeo e voz.

Percebe-se então que pelas nuances linguísticas e pelo fato de estar acessando uma outra cultura, muitas vezes o psicólogo deve dispor de estratégias que não são utilizadas com os ouvintes. Porém, conforme expõem Arantes e Vitoriano (2016) o psicólogo deve procurar não reforçar a ruptura na relação entre ouvinte e surdo, justamente por conta dessas diferenças que se estabelecessem, mas deve agir para a edificação dessa relação, pois o que se trabalha em psicoterapia refletirá também nas relações que o surdo estabelece com ouvintes.

Desse modo, enquanto sujeito que busca por ajuda, a *escuta* do surdo deve ser garantida. (BUZAR, 2015). Seja esta realizada a partir de outras técnicas, outros recursos. O que assegura o bom atendimento ao surdo é o psicólogo estar acessível ao mesmo, entender que sim, o sujeito surdo é um sujeito que ‘fala’ através das mãos, a sua comunicação é diferente, sua vivência também, mas que isso possa não se constituir como uma barreira para a relação terapêutica.

Para tanto, entende-se que existe a possibilidade de o surdo desconhecer determinadas palavras ou expressões utilizadas pelo psicólogo. Situação que também pode acontecer com ouvintes, mas no contexto com o surdo, exige certa reflexão da melhor forma de expressar aquilo que se está querendo dizer ao surdo, para que a comunicação não fique confusa e com lacunas. Por este ângulo, a troca com o sujeito surdo deve ser dinâmica e espontânea, em que o psicólogo possa questionar se está sendo entendido e se está se fazendo entender.

A partir da fala da Psicóloga 4, percebe-se que o atendimento de surdos requer do psicólogo um nível de compreensão dos rituais que circulam pelas comunidades surdas. Presume-se que o fato de o psicólogo ser “avaliado” sobre o quanto está capacitado para o atendimento de surdos pelos próprios surdos, impõem a este profissional aprendizado constante sobre o universo surdo, mas também uma capacidade de reflexão sobre o que o surdo espera do seu trabalho. Geovanini (2005 apud BUZAR, 2015) nesta direção, infere que o surdo outorga ao profissional o sujeito suposto saber quando este sabe a língua de sinais. Assim, de um lado temos um público que clama pelo seu direito de ser atendido em sua língua, do outro, psicólogos ouvintes que se engajaram nesta causa, porém que necessitam do reconhecimento da comunidade surda. Este reconhecimento constitui-se como elemento essencial para o trabalho do psicólogo que se identifica com este campo, no que tange a valorização de sua prática e de seu empenho.

Enfim, cabe ressaltar o quanto que o uso dos elementos culturais da comunidade surda contribui para a construção de um espaço terapêutico, e na mesma proporção, o quanto é essencial que o psicoterapeuta esteja disponível a se adaptar às necessidades do surdo, sejam estas emocionais, comunicacionais, e também que tenha disponibilidade afetiva para com a língua de sinais e demais elementos culturais da comunidade surda. (BUZAR, 2015).

4.4 Dificuldades dos psicólogos frente à prática clínica com surdos

Essa temática diz respeito as dificuldades relatadas pelos psicólogos no atendimento clínico com surdos.

Mas a nível assim, no particular, no privado da sala de análise, sentado aqui conversando... aí eu, às vezes eu pergunto assim: bah, mas será que eu tô sendo claro, né, será que a pessoa tá me entendendo, a nível da língua mesmo. Será que eu tô conseguindo captar, né, pra além da, dos sinais aquilo que é da língua íntima da pessoa? (P1)

A maior dificuldade é quando as palavras são desconhecidas, e você precisa procurar outras simples palavras. E quando ainda não conseguem reconhecer a simples palavras, é necessário buscar outras formas de apresentar. Também quando a palavra não tem sinal, você procura soletrar (alfabeto manual). Isso, quando o terapeuta propõe ao paciente o exercício de refletir.” (P3)

Acho que existe uma certa dificuldade às vezes em explicar alguns conceitos de doença psíquica assim, de sintomas, e né, o que é ansiedade, outros transtornos, então esse tipo de coisa às vezes a gente não faz com os ouvintes, isso já está muito mais falado, acho que isso já é mais dito assim. E essa integração de corpo, alma, isso às vezes, tu ensina às vezes o paciente surdo em geral assim. Né, a denominar, dá nome, a explicar, a integrar. E eu acho que esse é um desafio constante, sabe. Para alguns menos, alguns mais, né. Como todo mundo, né. Mas acho que só isso assim. Mas é uma prática muito dinâmica, está sempre mudando, sempre tem... há sinais novos né, gírias. Mas eles estão sempre trazendo. Aí tu vai memorizando e vai incluindo. (P4)

Para o Psicólogo 1, uma de suas inquietações diz respeito à comunicação, se há de fato uma compreensão por parte do paciente e do próprio psicólogo sobre aquilo que está sendo dialogado. Assim, compreende-se que o psicólogo em processo de psicoterapia com o surdo deve manter uma atenção constante aos sinais e às expressões do sujeito, para que dessa forma informações não sejam perdidas. O discurso deste psicólogo infere também a constante reflexão que deve ocorrer por parte do profissional. Logicamente, esta é uma ação comum do mesmo para com seus atendimentos, no sentido de perceber o seu lugar enquanto psicoterapeuta e refletir sobre as dificuldades encontradas e o quanto realmente se está escutando determinado sujeito.

Porém, para um psicólogo ouvinte, muitas vezes torna-se difícil de fato *escutar* o que o sujeito surdo tem a dizer. É como se barreiras houvessem que ser transpostas, e às vezes barreiras internas do próprio psicoterapeuta. Ainda que o processo psicoterapêutico requer uma movimentação do sujeito que procura atendimento, torna-se necessário o profissional criar condições para que o encontro aconteça. Porém, tal consideração abarca outros “poréns”, posto que cada sujeito traz para dentro do *setting* infinitos elementos que o constituem enquanto tal. Embora o profissional não vivenciou ou não esteja a par destes elementos constitutivos de seus pacientes, no caso dos surdos, há a diferença do modo de se comunicar, mas também há outra

cultura ali implícita. Então, entender o que o paciente quer dizer, para além da língua de sinais, é também entender o que a cultura quer mostrar, o que há para além desse sujeito, o que a comunidade surda expressa. Neste caso, o psicólogo deve tomar esta reflexão sim, a todos os pacientes que ele pratica a escuta, pois na medida que percebe suas limitações, também buscará recursos para que a psicoterapia de fato possa fluir.

A fala do Psicólogo 3 evidencia a dificuldade em explicar determinadas palavras novas aos surdos. E isso vem de encontro ao que Quadros (1997) aponta, que a língua de sinais apresenta sistemas abstratos, regras gramaticais, complexidades linguísticas e expressões metafóricas, que se diferem da língua oral e escrita. Também, conforme a autora, a língua de sinais é influenciada pela nacionalidade e até mesmo pela regionalidade do contexto ao qual está inserida.

De fato, neste sentido há muito que se problematizar, acerca de como os sujeitos constituíram sua forma de comunicação, no quanto a família ensinou os mesmos, nas questões educacionais. Por hora, esta não é a proposta deste trabalho. Porém, cabe ressaltar que o psicólogo deve estar ciente de que a Língua Portuguesa e a Libras possuem suas diferenças linguísticas, e que assim como há palavras novas em Libras, o mesmo ocorre na Língua Portuguesa.

Arantes e Vitoriano (2016) remetem a questão da dificuldade de comunicação como uma barreira aos surdos. Mas também, como abordado ao decorrer da presente discussão, a comunicação obviamente também se instaura como obstáculo ao psicólogo e sua escuta, em maior ou menor grau. Para a Psicóloga 4, a dificuldade está em explicar conceitos muito utilizados na prática clínica, relativo aos sintomas e transtornos psíquicos. Para tanto, cabe uma reflexão do quanto o psicólogo muitas vezes deve se desacomodar, pois muitas ações e discursos que são naturalizadas pelo profissional, dali a pouco são questionados ou enfatizados pelo surdo, instigando este a rever seu entendimento acerca de seu saber e fazer.

Para Arantes e Vitoriano (2016) a linguagem é essencial na relação das pessoas, na medida em que as mesmas se fazem entender e compreender umas às outras. E o psicólogo deve estar atento a isso, aos modos verbais e não-verbais de expressão de emoções. Porque para além da linguagem oral, há a linguagem das mãos, do corpo, dos gestos, e a escuta tem que se dar em consonância com estes elementos. Ademais propiciar uma comunicação fluida com o surdo permite que este construa autonomia e o direito de falar por si, visto que muitas vezes o que ocorre é a dependência que o surdo estabelece para com um ouvinte que lhe seja próximo.

4.5 Motivação dos psicólogos para a *escuta* clínica com surdos

Está temática refere-se ao que mais motiva os profissionais entrevistados a exercer a prática clínica com surdos. Sabe-se que no processo de formação do psicólogo, este vai se identificando com determinadas práticas e linhas teóricas. Bartz (2017) dirá que a motivação diz respeito a fatores que direcionam e potencializam o comportamento, que leva alguém a fazer algo e que sustenta o sujeito nesta ação.

Dessa forma, segue abaixo algumas falas dos psicólogos entrevistados:

A possibilidade de tá em contato né, com as pessoas mas numa forma diferente desse que é o lugar comum da relação. Né, dessa que é a possibilidade de se estranhar e de viver né, com uma outra pessoa, às vezes uma experiência muito intensa e íntima né que pode transformar, tanto aquele que procura quanto a mim mesmo, né. A gente sempre procura que o paciente saia diferente de como ele entrou né, o analista também tem que sair. Se eu não me deixar tocar né, e não assim... e, tomo essa questão de estranho porque eu acho que essa palavra que tá soando assim, se não deixar tocar, emocionar, não deixar atravessar, né, pela experiência com o outro que tá deitado aqui ou que tá aí na frente, então que sentido tem? Então não vale à pena. Eu acho que a vivência da análise é do encontro, né. Então se o outro tem que se transformar eu também tenho, né. É uma pena aqueles que não se deixam tocar ou acham que é só o paciente que tem que ficar melhor né. Não, eu também tô nessa né, o trabalho analítico ele funciona a dois e se os dois participam, bom, os dois estão sujeitos à essas transformações, né, e é justamente com isso que eu vou jogar, é isso que vai tá, tá assim flutuando na minha atenção flutuante. Vai tá assim atravessado na minha escuta, vai tá participando aqui, vai tá junto. Essa forma de se relacionar assim, essa abertura. Eu falo desse lugar. Então é isso que, que mais me motiva! (P1)

Olha, eu posso dizer pra mim assim, né, eu gosto de estar em contato com o diferente! Tipo, de estar aprendendo coisas novas isso me motiva muito. E eu não sei, tem algo na realidade deles assim que me... Não sei te explicar exatamente o que é, mas eu acho que é essa questão da diferença. E é muito rico, assim, é muito... não sei nem explicar, na verdade. Mas, digamos que desde que eu comecei a me envolver com isso, eu me percebi mais empática de uma forma geral com tudo, sabe! Por que tu começa, eu brinco sempre que é o barulhento mundo do silêncio né, porque é um silêncio que tem muito a dizer, muito, então... E foi bem interessante esse movimento assim, não só dentro da psicologia, mas de pessoas próximas a mim que começaram a ver eu trabalhando com isso e daí começaram a se interessar, um monte de amigos meu já querendo fazer Libras, eu acho que isso também me motiva, assim. Saber que está multiplicando. Isso é o fundamental, assim. Sabe, então, eu acho que por aí. (P2)

Tudo! Eu acho que a prática por si só, assim. Difícil explicar assim. Eu acho que é tu poder oferecer a possibilidade de, de que um surdo também acesse o seu mundo interno assim, sabe! Assim como os ouvintes. E esse próprio desafio assim, de descobrir como fazer isso, como explicar, como... Mas tornar isso possível assim, né. É, ajudar as pessoas a terem menos sofrimento psíquico, né, por si só, assim., Mas se tratando de uma minoria talvez isso me motive mais assim, né, porque eu também tenho essa paixão por, pelo atendimento à pessoas com deficiência em geral, assim. Né, também trabalho com inclusão em empresas, nessa área né, educação inclusiva. Então a ideia da acessibilidade, do direito, da igualdade, da justiça, da igualdade de oportunidades para todos, esse é o meu combustível [...]. Então, com os surdos é mais um meio de, né. Então eu acho que é isso assim, quando eu consigo ajudar um surdo, por exemplo, a entender que ele está em um processo

depressivo, que isso é uma doença psíquica né, que tem tratamento, porque isso acontece, que os sentimentos deles influenciam o seu comportamento, que sua história explica algumas coisas, e como que a gente transforma isso pela própria fala né, em processo de melhora e elaboração, etc. Acho que é esse prazer assim, essa possibilidade que se abre para uma minoria né. Acho que é isso que me motiva assim. E ter o reconhecimento deles hoje como comunidade também é uma coisa muito legal sabe. Mas no início não se tem, né. Tem que ser muito guerreiro, assim. Teimoso, assim, né. Acho que eu sou muito teimosa! E enfim, eu acho que eu comecei com surdos e foi por eles que eu entrei nas empresas para trabalhar com inclusão, por que buscavam sempre uma psicóloga que soubesse Libras também. E aí eu fui trabalhar com outras deficiências, assim. Esse é o meu norte assim, é o meu combustível, sabe. (P4)

Para o Psicólogo 1, o contato com os surdos promove um encontro transformador, pois na clínica com surdos, a diferença do terapeuta se depara com a diferença do outro, proporcionando experiências intensas. Pela intensidade dessa junção e até pelo que o psicólogo deverá refletir e mudar em si para que o processo seja efetivo, as mudanças ocorrem dos dois lados, tanto do profissional quanto daquele que procura. Pela fala do entrevistado, é possível entender o quão importante e potencializador é para a relação de psicoterapia, o profissional estar aberto, acessível para deixar-se se tocar pelo surdo porque é neste movimento que o este sujeito encontrará no espaço terapêutico também um lugar para falar por si, se perceber, se sentir, se “metamorfosar”.

Enéas (2000) traz que a psicoterapia circunscrita em um método e com técnicas específicas, objetivam levar a mudanças psíquicas. Assim sendo, infere-se que essa prática visa a saúde mental do sujeito, mas também permite autoconhecer-se e criar recursos para lidar com suas problemáticas. A mesma autora pontua a importância da participação do terapeuta como “elemento ativo e sensível às necessidades do paciente” (ENÉAS, 2000, p. 89), posto que é na relação terapeuta-paciente que mudanças emergem e se edificam.

É notório que a psicoterapia com surdos deve seguir rumos para além das técnicas, embora estas sejam importantes e constituem-se como ferramentas de trabalho ao psicólogo. De fato, o atendimento ao surdo chama o psicólogo a lançar-se em um mundo diferente do seu, o que possibilita este estar sempre em um movimento de repensar e aprimorar sua *escuta*, que neste caso, ocorre através do olhar atento do profissional.

A Psicóloga 2 traz sua identificação com a questão da diferença e a possibilidade de aprendizado que a mesma constrói a partir disso. Atenta que desde que começou a se envolver com a questão da surdez sentiu mudanças internas que permitiu tornar-se mais empática. Compreendendo que a relação com o surdo permite ao profissional enxergar mais além da sua realidade, com certeza isso promove uma reflexão maior sobre as situações da vida cotidiana. Silva e Fagundes (2015) trazem que os surdos, por possuírem suas alegrias, mas também seus

avessos, não poderiam ser subestimados, tampouco isolados da sociedade, pois, assim como ocorre com a Psicóloga 2, a quebra da barreira entre o surdo e o ouvinte, trará benefícios, principalmente pela interação entre essas culturas, o que permite a ampliação do conhecimento de mundo.

A medida em que a Psicóloga 2 comenta o quanto sua prática desperta interesse e instiga os seus próximos a pensar sobre o assunto e a querer aprender Libras também, revela-se um movimento de inclusão e de promover visibilidades. Assim, ressalta-se a importância do psicólogo enquanto sujeito e profissional que atua em prol de transformações e de visibilidade para aqueles que muitas vezes não são vistos e nem ouvidos. Seja através de suas escolhas, de suas práticas, de suas pesquisas e estudos.

Neste sentido, Silva e Fagundes (2015) citam Amaral (1998), que para explicar a interação entre os sujeitos, faz uso da metáfora da ponte moveiça com o castelo. Assim se referem os autores:

A ponte moveiça possibilita o trânsito entre a cidade e o castelo. É possível associar o surdo ao castelo e os ouvintes as pontes moveiças, desse modo os ouvintes utilizam a ponte moveiça para chegar até os surdos, a ponte é um instrumento que liga os ouvintes aos surdos fazendo essa interação entre eles. Mas atravessar essa ponte é uma escolha, depende do interesse de cada pessoa. Amaral (1998) assegura que, a ponte moveiça é a possibilidade de encontro, porém esse encontro depende da disponibilidade de cada um. Quando se constrói uma ponte, ela quebra a barreira existente entre os ouvintes e a comunidade surda, criando envolvimento e despertando interesse pela cultura surda e também pela Língua de Sinais. (SILVA; FAGUNDES, 2005, p. 26217).

Talvez o trabalho dos psicólogos que atendem surdos através da Libras constitui pontes onde se possa transitar em uma via de mão dupla. Interessante que no caso da Psicóloga 2, essa ponte construída permite também que outros vislumbrem a possibilidade de acessar o mundo do surdo. Mas uma outra reflexão também é possível, pois o ato de construir essa ponte se inicia muitas vezes antes do contato com o universo surdo. Pode-se pensar assim que, a priori, existe uma ponte interna, neste caso dos psicólogos, cuja base se alicerça em vivências, identificações, curiosidade dos profissionais e que os leva a transpor essa ponte para a realidade.

Com a fala da Psicóloga 4, é notório que o processo de psicoterapia com surdos é uma prática de intensa aprendizagem na medida em que se coloca como um desafio à entrevistada. Para além das barreiras de comunicação, o psicólogo deverá perceber suas próprias barreiras, como seus preconceitos, e buscar rompê-las. Outra questão que a entrevistada traz é de propiciar que os surdos, enquanto minoria, tenham espaço, tenha acesso a este serviço assim como os ouvintes. Gonçalves (2012) entende que embora o psicólogo é um profissional que está no

mercado de trabalho, possui também uma atribuição social, na medida em que busca melhorar a vida das pessoas e de contribuir para que a sociedade seja mais justa e equalitária.

Partindo do pressuposto de que o psicoterapeuta vai aprimorando sua prática com o tempo e motivado pelo seu desejo de atuar com surdos, acaba por preparar estes sujeitos para exercer seus direitos e deveres, além de oferecer a possibilidade de escuta psicoterapêutica à uma minoria tão sacrificada e discriminada desde a antiguidade. (GONÇALVES, 2012). Assim, considera-se a importância do psicólogo atuante neste segmento, pois como colocado pela Psicóloga 4, a atenção para com a saúde mental do surdo, explicando-lhe sobre as psicopatologias e formas de tratamento, constituem-se como ações de saúde que talvez o mesmo não teria acesso dependendo do espaço ou do profissional que lhe atender.

Ademais, o atendimento de surdos propicia à Psicóloga ser reconhecida pela comunidade surda, que embora os desafios enfrentados se impuseram ao iniciar sua prática, foi perseverante para conseguir conquistar o espaço como psicoterapeuta de surdos. E de fato, o reconhecimento enquanto fator que promove prazer e motivação ao profissional, evidencia-se também o quanto que o trabalho desenvolvido faz diferença na vida do surdo.

Por conseguinte, ao se caracterizar como uma prática emergente no campo da Psicologia, o atendimento clínico com surdos através da Libras torna-se um diferencial do psicólogo. Nos dias atuais há o chamamento por profissionais que saibam trabalhar com este público e considerando a Libras como segunda língua oficial do Brasil, é necessário que se tenha profissionais capacitados para se comunicar através da Libras. E isso não se restringe apenas à clínica, mas sim nos diferentes espaços que o psicólogo ocupar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho de Conclusão, se propôs compreender como ocorre o processo de psicoterapia com surdos, por meio da Libras. Dessa forma, buscou-se, através da articulação teórica e a partir da fala de quatro psicólogos entrevistados, sendo duas psicólogas e dois psicólogos, entender os aspectos que circunscrevem a surdez e os surdos, em termos biológicos e culturais, e como estes profissionais percebem em sua prática, o atendimento ao surdo.

Este estudo evidenciou a carência do tema psicoterapia com surdos na formação em Psicologia, logo, há poucos estudos da área sobre o assunto. O conhecimento e a prática em Libras são ações que possibilitam a aproximação do ouvinte com a realidade do surdo, porém, esta por si só não basta, visto que há elementos culturais que constituem o sujeito surdo e que também devem ser compreendidos por aqueles que se debruçam no estudo deste tema.

Assim sendo, fica claro que são poucos os espaços para se discutir sobre a surdez e sobre as diferenças, de maneira geral. Muitas vezes falta informação de como proceder, de como estabelecer contato com um surdo, e é justamente esse desconhecimento que por vezes bloqueia o profissional psicólogo a direcionar seus serviços a esse público. Todavia, é interessante perceber que a aproximação do Psicologia no trabalho com surdos é recente. Uma estratégia de fazer com que a Psicologia se coloque mais entre outros espaços, é de que os cursos propiciassem aos seus acadêmicos locais de estágio em que estes possam de experimentar em diferentes espaços, com diferentes pessoas e culturas, a fim de desenvolver um olhar para todos os públicos, com criticidade e aprofundamento, seja com base nas políticas públicas, nas formas de preconceito, entre outros.

A Libras é a adaptação primeira para atender o surdo. Faz-se necessário também, estar aberto para conhecer sua realidade, se colocando no lugar desse sujeito. Assim, o entendimento da cultura, comunidade surda, seus hábitos, costumes, ritos, são elementos cruciais para que o encontro psicoterapêutico possa acontecer.

O encontro psicoterapêutico entre surdo e ouvinte, neste caso, entre o surdo que busca ajuda psicológica com o psicólogo ouvinte, se dispõe no campo do encontro intercultural. Cultura surda e cultura ouvinte, fenômenos com suas próprias referências, estabelecem uma proximidade que permite uma troca de conhecimentos, sobre as diferentes formas de ser e estar no mundo. Além disso, o encontro psicoterapêutico constitui-se como uma possibilidade individual e coletiva, pois o psicólogo que atende surdos em Libras, torna-se profissional de referência para outros surdos, o que promove o reconhecimento do seu trabalho pela comunidade surda.

O sentimento de estrangeiridade, dos surdos principalmente, se deve ao fato de estar inserido em uma cultura majoritariamente ouvinte, onde não há muitos espaços para a diferença, onde a maioria das ações são pensadas para aqueles que ouvem. Por conseguinte, presume-se ser difícil estar em um meio social onde a maioria das pessoas não entendem sua língua, seus costumes, seu modo de viver. É muito comum as ações serem pensadas a determinados públicos, quase de modo automático, porém, quando surge a questão da diferença, pensa-se em estratégias de adaptação. No contexto da psicoterapia, há adaptações desde o primeiro contato com o psicólogo. Tais adaptações correspondem a meios acessíveis de o surdo poder ter acesso ao serviço do psicólogo, e no processo em si, ambos devem estar de frente para o outro, sendo que neste contexto, o uso do divã é dispensável.

O estudo mostrou que a comunicação é um dos fatores que causam inquietação frente ao atendimento do surdo. Se fazer entender através de uma língua diferente da Língua Portuguesa, constitui-se como um desafio. Para tanto, é preciso estar disponível para aprendizagem contínua, aprimorando sua prática e refletindo sobre o seu fazer.

Além disso, no processo de psicoterapia com surdos é preciso deixar-se se tocar, estar acessível para que o encontro com o outro possa acontecer. Essa abertura é que permite que se estabeleça um vínculo e que mudanças psíquicas do surdo e do psicólogo sejam possíveis.

A perspectiva da diferença, aqui também é mencionada. Esta traz benefícios que ajuda o psicólogo a tornar-se mais empático, o que contribui para a sua escuta com ouvintes. Ademais, o processo de psicoterapia com surdos é um processo de inclusão, na medida que possibilita ao surdo um espaço que possa chamar de seu, em que possa se expressar.

Diante de tudo isso, cabe ressaltar que o dia 26 de setembro é o Dia Nacional dos Surdos. A escolha dessa data é uma homenagem à inauguração do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a primeira escola de surdos do país, situada no Rio de Janeiro. Durante todo o mês de setembro, a comunidade surda organiza festas, manifestações, passeatas e outros eventos a fim de propor uma reflexão sobre os seus direitos e também como uma forma de serem ouvidos diante de suas reivindicações. Por coincidência, ou não, no dia 26 de setembro deste ano, foram realizadas três das quatro entrevistas com os psicólogos que participaram deste estudo, em Porto Alegre. De fato, é uma situação interessante, pois mediante as solicitações da comunidade surda, pode-se dizer que o atendimento clínico em Libras também é uma ação que precisa ser discutida, precisa ter visibilidade, tanto pela comunidade surda quanto pela ouvinte.

Constitui-se como uma ação fundamental do profissional psicólogo abandonar a visão do surdo sob uma perspectiva de deficiência. A partir das contribuições dos Estudos Culturais, suscita-se a visão da surdez enquanto diferença, um marcador identitário dos surdos. Assim, o

atendimento psicológico com surdo, promove ao psicólogo a possibilidade de conhecer a história dos surdos, pelo próprio surdo, no que diz respeito a sua cultura, sua língua, seus sintomas, seus desejos. A prática clínica com surdos requer uma disponibilidade do psicólogo que vá além da língua de sinais, que considere as expressões faciais, corporais, o silêncio do surdo.

A dificuldade de encontrar profissionais que atendem surdos através da Libras, causa certo impacto, justamente por compreendermos que as possibilidades da Psicologia, neste caso a psicoterapia, é um recurso necessário para os sujeitos que buscam um espaço para conversar, se autoconhecer, para criar recursos a fim de lidar com suas conflituosas. Para tanto, apercebe-se mediante a entrevista com os psicólogos participantes deste estudo, que o trabalho desenvolvido com os surdos é gratificante. Gratificante no sentido de possibilitar o acesso a estes sujeitos ao cuidado à sua saúde mental.

A partir de suas representações sobre o surdo, os psicólogos expressaram suas dificuldades, suas motivações frente a prática clínica com estes sujeitos. Embasados por abordagens que ora se distanciam, ora se aproximam, vislumbra-se a Psicologia como rico campo de estudos, onde seus subsídios, práticos e teóricos, poderão ser adequados conforme às necessidades dos sujeitos. Com princípios que se lançam para o entendimento do ser humano em sua integralidade, cabe à Psicologia, assim como outras áreas de conhecimento, disseminar o respeito, a empatia, a acessibilidade, para que se possa atuar na desconstrução de preconceitos, estigmas, rótulos. Há de se destacar que a deficiência não é uma patologia! E nem sempre esta causará sofrimento ao sujeito.

À vista disso, este estudo propõe que as invisibilidades se tornem visíveis, que os surdos sejam reconhecidos como sujeitos que fazem parte de uma comunidade linguística, com sua própria cultura. Também, chama a atenção o importante trabalho dos psicólogos que se empreitam neste campo, que diga-se de passagem, pouco explorado.

Portanto, como estudo que tenta se aproximar dos surdos de uma forma indireta, que encontra na fala dos psicólogos informações importantes para o entendimento da prática clínica, apresenta-se como uma produção que pode ser revista, ampliada, pois aqui quem se pronuncia em relação aos surdos e a surdez, são sujeitos ouvintes, que compreendem o ser surdo “visto de fora”. Todavia, ressalta-se sua relevância, à medida que se constitui como fonte de leitura e aprendizagem a todos os públicos.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, M. A. B.; GONÇALVES, J. P. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. *Conhecimento Online*, Novo Hamburgo, v. 1, p. 36-44, mar. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/460/174>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- ALVES, Edilania Reginaldo. Caracterizando a surdez: fundamentação para intervenções no espaço escolar. *Revista Lugares de Educação*, Bananeiras/PB, v. 2, n. 2, p. 75-92, Jul.-Dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rle/article/view/15421>>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- ARAGON, C. A.; SANTOS, I. B. Deficiência auditiva/surdez: conceitos, legislações e escolarização. *Educação, Batatais*, v. 5, n. 2, 2015, p. 119-140. Disponível em: <<http://www.claretianobt.com.br/download?caminho=/upload/cms/revista/sumarios/400.pdf&arquivo=sumario6.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2017.
- ARANTES, T. L. M.; VITORIANO, S.A. Reflexões sobre a relação no atendimento clínico entre o psicólogo e o surdo. *Cadernos INESP*, v. 1, n. 1, 2016. <<http://periodicosinesp.com.br/index.php/cadernosinesp/article/view/10>>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- BARROS, A.J.S.; LEHFELD, N. A.S. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 158 p.
- BARTZ, Grazieli. *A motivação acadêmica em um curso de psicologia de uma Universidade do Sul do Brasil*. Monografia (Graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2017.
- BISOL, C. A.; SIMIONI, J.; SPERB, T. Contribuições da psicologia brasileira para o estudo da surdez. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 392-400, 2008 Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000300007>>. Acesso em: 22 abr. 2017.
- BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. *Da Libras ao Silêncio: Implicações do olhar winnicottiano aos sujeitos surdos em sofrimento psíquico grave*. Tese (Doutorado - Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura) – Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/19809>>. Acesso em: 11 mar. 2017.
- CASALI, Débora. *O atendimento psicológico ao surdo usuário da Libras no município de Itajaí – SC*. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Saúde e Gestão do Trabalho – Área de Concentração em Saúde da Família) – Universidade do Vale do Itajaí, 2012. Disponível em:<<http://siaibib01.univali.br/pdf/Debora%20Casali2012.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- CATTALINI, A.; FORNAZARI, S. A. *A experiência no tratamento psicológico com pessoas surdas: um estudo de caso*. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – UNISALESIANO /Lins, São Paulo, 2007. Disponível em: <www.unisalesiano.edu.br/encontro2007/trabalho/aceitos/RE17182032848.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2017.

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DA PSICÓLOGO. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia-1.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

CROMACK, Eliane Maria Polidoro da Costa. Identidade, Cultura Surda e Produção de Subjetividades e Educação: Atravessamentos e Implicações Sociais. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 2004, v.24, n.4. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400009>. Acesso em: 02 abr. 2017.

DALCIN, Gladis. *Enlace histórico entre os surdos e a psicologia*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/05_11_24_ENLACE_HISTORICO_ENTRE_OS_SURDOS_E_A_PSICOLOGIA.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2017.

DIZEU, L.C.T.B.; CAPORALI, S.A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educ. Soc., Campinas*, vol. 26, n. 91, p. 583-597, Maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

DUARTE, S. B. R. et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. *História, Ciências, Saúde– Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.20, n.4, out.-dez. 2013, p.1713-1734. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n4/0104-5970-hcsm-20-04-01713.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.

ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. Fundamentos da mudança psíquica: recursos para o manejo técnico em psicoterapia breve. *Psicologia: teoria e prática*, v. 2, n. 1, p.75-94, 2000. Disponível em:<http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Editora/Revista_Psicologia/Teoria_e_Pratica_Volume_2_-_Numero_1/art5.PDF>. Acesso em: 11 nov. 2017.

FLEURI, Reinaldo Mathias. Desafios à Educação Intercultural no Brasil, *Percursos*, v. 2, n. 0, 2001. Disponível em:<<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1490>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

GESUELI, Zilda Maria. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006. Disponível em:<www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a14v27n94.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2017.

GOMES, Anie Pereira Goularte. A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.). *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. 1. ed. Canoas: Ed. da ULBRA, 2011. p. 121- 135.

GONÇALVES, Paulo César da Silva. Atendimento Psicológico para Surdos, *Revista Virtual de Cultura Surda*, ed. 9, mar. 2012. Disponível em:<<http://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/48>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

_____. Linguagem do Silêncio: Psicanálise e Surdez. *Arqueiro – Instituto Nacional de Educação de Surdos*, v.12, 2005. Disponível em: <<https://culturasurda.net/2016/01/21/revista-arqueiro/>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

GUARINELLO, A. C.; CLAUDIO, D.P.; FESTA, P. S.V. A produção do conhecimento em Fonoaudiologia, Educação e psicologia acerca da linguagem e da surdez: análise de periódicos. *Tuiuti: Ciência e Cultura* (Online), v. 45, p. 115-132, 2012. Disponível em:<http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_4/tcc_45_Mestrados/pdfs/art7_ana_cristina.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>>. Acesso em: 31 mai. 2017.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais em língua brasileira de sinais (Libras). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 407-413, jul./set. 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/106637/000934054.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

_____. Produções culturais de surdos. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (Org.). *Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 155-174.

_____. Língua de sinais na educação dos surdos. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 103-113.

KLEIN, Madalena. Cultura surda e inclusão no mercado de trabalho. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 83-99.

LOPES, L. S.; DUERING, M. G. *Surdez, criatividade e educação*. 2003. 40 f. Monografia (Pós-graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, 2003.

LOPES, M. C.; VEIGA-NETO, A. Marcadores culturais surdos. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (Orgs.). *Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 116-137.

LUCENA, Cibele Toledo. *Beijo de Línguas – quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram*. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2017. Disponível em:<<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20478>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

MACHADO, F. M. Á.; FELTES, H. P.M. Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/469>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

MAYCÁ, Eliane Nair Mallez. *Integração de surdos na Escola Gaspar Bartholomay*. 2000. 35 f. Monografia (Pós-graduação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Pós-Graduação em Educação Especial, 2000.

MESERLIAN, K. T.; VITALIANO, C. R. Análise sobre a trajetória histórica da educação dos surdos. In: *IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE e III Encontro Sul Brasileiro de*

Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR. Disponível em: <www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3114_1617.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MONTEIRO, R.; SILVA, D. N. H.; RATNER, C. Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 32, n. esp., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722016000500210&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 abr. 2017.

OLIVEIRA, L.M.; HADLER, O.H. Psicologia e Surdez: governo da diferença e outras margens possíveis. *Revista Barbarói*, n. 43, 2015. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/4348>>. Acesso em: 02 out. 2017.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani. Estudos culturais, diferença e surdez: uma leitura teórica. *Revista Periferia*, v.9, n.1, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/28946>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

PAULA, Liana Salmeron Botelho de. Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola. *Rev. bras. educ. espec.*, 2009, v.15, n.3, p.407-416. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382009000300005>. Acesso em: 02 abr. 2017.

PERLIN, Gladis Teresinha. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p.73-82.

_____. Identidade surda e educação. In: ENCONTRO A PROPÓSITO DO FAZER, DO SABER E DO SER NA INFÂNCIA, 1997, Canoas, RS. *Discursos atuais sobre a surdez: II Encontro a Propósito do Fazer, do Saber e do Ser na infância*. Canoas: La Salle, 1999. p. 33-38.

PONTIN, Bianca Ribeiro. Discursos sobre a surdez, os surdos e o implante coclear: análise do manual de informações para os pais de crianças surdas candidatas ao implante. In: *6º SBECE – Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 3º SIECE – Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação*, 2015. Disponível em: <<http://www.sbece.com.br/2015/>>. Acesso em: 25 mar. 2017.

QUADROS, Ronice Müller. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REICHERT, André. História de vida: breve relato. In: ENCONTRO A PROPÓSITO DO FAZER, DO SABER E DO SER NA INFÂNCIA, 1997, Canoas, RS. *Discursos atuais sobre a surdez: II Encontro a Propósito do Fazer, do Saber e do Ser na infância*. Canoas: La Salle, 1999. p. 29-32.

ROSA, M.V. F.P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 112 p.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. Manaus: EDUA, 2002. 388 p.

SANTANA, A.P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, 2005, vol.26, n.91, p.565-582. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Nomenclatura na área da surdez*, 2002. Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/.../Nomenclatura_na_area_da_surdez.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2017.

SILVA, Á.M.S.; CARMO, M.B.B. Desafios na atenção psicológica a surdos utilizadores da LSB em Salvador – BA. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, dez. 2016, p. 184-192. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1070/768>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

SILVA, Rafael Dias (Org.). *Língua Brasileira de Sinais: Libras*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

SILVA, V.J.S.; FAGUNDES, E.A. Cultura surda e se embate com a cultura ouvinte. *EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação*, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16897_7555.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2017.

SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. 192 p.

SOLÉ, Maria Cristina Petrucci. A surdez e a psicanálise: o que é dito. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p.208-232.

SOUZA, Adriano Pereira de. *Fala quem pode, escuta quem sabe: análise do trabalho do psicólogo clínico junto a pacientes surdos*. Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucb.br/jspui/handle/10869/5659>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

SOUZA, M.T.; PORROZZI, R. Ensino de Libras para os Profissionais de Saúde: Uma Necessidade Premente. *Revista Práxis*, v.1, n.2. 2009. Disponível em: <<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/praxis/article/view/1119>>. Acesso em: 29 out. 2017.

STROBEL, Karin. *Surdos: vestígios culturais não registrados na história*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91978>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

TALASK, Anamelia Gomes. *Psicologia e Surdez: A importância do Conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelo Gestalt-Terapeuta*. Faculdades Integradas Maria Thereza, Niterói, 2006. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/92.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

THOMA, Adriana da Silva. Educação dos surdos: dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez II: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 9-25.

_____. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p.56-69.

VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa. Ser bilíngue: estratégias de sobrevivência dos sujeitos surdos na sociedade contemporânea. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (Orgs.). *Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 48-67.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Revista Temáticas*, Campinas, ed. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2144/1637>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: O psicólogo na escuta clínica com surdos: uma prática em construção

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidado (a) a responder as perguntas desta entrevista semiestruturada de forma totalmente voluntária.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder esta entrevista, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

Objetivo do estudo: Compreender como ocorre a prática clínica do psicólogo no atendimento de surdos, utilizando a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação. O presente estudo propõe também refletir sobre a comunicação em Libras no processo de psicoterapia; mapear as estratégias terapêuticas usadas por psicólogos no atendimento de surdos bem como entender os desafios e as motivações percebidas pelo psicólogo na prática da escuta clínica com surdos. Desse modo, cabe pesquisar a existência de psicólogos capacitados para o atendimento dos surdos através da Libras, considerando que os surdos, através de suas lutas e reivindicações, estão conquistando cada vez mais seus direitos, bem como, solicitando atendimento especializado nos diferentes espaços da sociedade.

Procedimentos: Sua participação neste estudo consistirá em responder à uma entrevista semiestruturada e individual com previsão de duração de 40 minutos, que será gravada em áudio e posteriormente transcrita para análise.

Riscos: O estudo não oferece nenhum risco físico, e no que se refere aos aspectos psicológicos, poderá causar riscos mínimos, visto que, conforme as vivências dos participantes, estes poderão apresentar possíveis constrangimentos durante a entrevista. Caso apresentem algum desconforto para responder a entrevista, poderão interrompê-la e optarem por retomá-la em outro momento ou desistirem de respondê-la.

Benefícios: O tema foi escolhido pela sua relevância e importância na atualidade, bem como na possibilidade dos dados obtidos, através deste estudo, poderem ser utilizados como fonte de aprendizagem e conhecimento, contribuindo para reflexões e ações em relação ao acesso do surdo ao atendimento psicológico realizado através da Libras. Para participar deste estudo você não terá gastos e nem receberá vantagens financeiras.

Sigilo: As informações fornecidas pelos participantes serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os participantes da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha participação nesta pesquisa, pois fui informado, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados.

Ademais, declaro que não autorizo a utilização de minha imagem e voz pelo pesquisador em quaisquer meios de comunicação, sendo a transcrição de áudio utilizada para fins de estudos, publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (gravação e transcrição de áudio).

Fui, igualmente, informado:

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando.

O Pesquisador Responsável por esta Pesquisa é Prof.^a Dra. Betina Hillesheim (Fone 51 9 9694-6145).

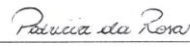
O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do telefone: 051 3717 7680.

Data ____/____/____

Nome e assinatura do Voluntário


Prof.ª Dra. Betina Hillesheim


Patrícia da Rosa

ANEXO B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data:

DADOS DO PARTICIPANTE

Idade:

Tempo de formação:

Instituição em que se formou:

Possui alguma especialização:

Tempo de profissão:

Tempo de atendimento a surdos:

QUESTÃO GERAL: Fale de suas experiências com surdos.

Atendimento aos Surdos:

1. Como, geralmente, as pessoas surdas chegam até você?
2. Como você estrutura o atendimento com surdos, em relação ao tempo de acolhimento, entrevistas iniciais?
3. Todos os surdos que chegam até você, utilizam a Libras como meio de comunicação?

Processo de Psicoterapia com Surdos:

4. Em que momento, em seus atendimentos aos surdos, você avalia se a demanda que o sujeito traz, pode ser trabalhada em Psicoterapia.
5. A comunicação na psicoterapia com surdos ocorre só através da Libras ou você oraliza também?
6. Você utiliza outros recursos terapêuticos além da Libras para trabalhar com os surdos?

Uso da Libras no atendimento psicoterapêutico:

7. Quais são as principais diferenças que você percebe no atendimento oralizado, através da Língua Portuguesa com ouvintes e no atendimento aos surdos, por meio da Libras?
8. Como você se sente se comunicando em Libras no processo de psicoterapia?

Motivações e dificuldades percebidas pelo psicólogo nessa prática:

9. O que lhe motivou a aprender Libras e a trabalhar com surdos?
10. Para a psicoterapia com surdos, você consegue encontrar na literatura recursos para nortear sua prática?
11. O que mais lhe motiva nesta prática?
12. Quais são suas maiores dificuldades ao se comunicar em Libras?
13. O que o psicólogo que deseja atuar no atendimento com surdos precisa saber/fazer para prestar um bom atendimento a esse público?

ANEXO C – Reportagem no Jornal Gazeta do Sul

8

QUARTA-FEIRA
24 de maio de 2017

GERAL

Gazeta do Sul

PESQUISA

Acadêmica procura psicólogos que trabalham com surdos

Prestes a dar início ao seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), a acadêmica de Psicologia Patrícia da Rosa precisa do auxílio de psicólogos que trabalhem com surdos por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo da pesquisa *O psicólogo na escuta clínica com surdos: uma prática em construção* é entender como se dá a prática da psicoterapia voltada aos surdos em Santa Cruz e região e compreender os desafios desse campo.

“Em uma pré-pesquisa, não encontrei psicólogos que trabalhem com esse público aqui na região. É preciso refletir que, além de lidar com a exclusão, os surdos têm muitas outras questões que precisam ser trabalhadas por meio de um suporte psicológico”, afirma Patrícia.

O TCC tem a orientação da professora Karla Gomes Nunes. Interessados podem entrar em contato com a acadêmica pelo e-mail patriciar@mx2.unisc.br ou ainda pelo telefone (51) 99915 8773.

Fruteira Conzati confira a QUALIDADE

Ofertas válidas para esta quarta e quinta-feira ou até acabar o estoque.

BERGAMOTA Pokan R\$ 1,37 kg	BANANA Prata R\$ 2,97 kg	MAÇA Gala R\$ 3,47 kg
MILHO Pacote c/3 R\$ 1,59 un	ABAGAXI Pérola R\$ 1,99 un	CEBOLA R\$ 1,57 kg
MAMÃO Formosa R\$ 2,27 kg	TOMATE R\$ 1,99 kg	GENOURA R\$ 1,27 kg
CAQUI choc. preto R\$ 1,87 kg	BATATA branca R\$ 1,77 kg	

Av. Independência, 887 - Santa Cruz do Sul
Fones: 99870-8033.

Lula Helfer



■ Patrícia: “Ainda há exclusão”

Barreira

Patrícia Rosa teve interesse em trabalhar com o tema após cursar a disciplina optativa de Língua Brasileira de Sinais, em 2015, na qual a professora é surda. “Naquelas aulas, refleti sobre como a comunicação para os surdos é uma barreira. Nosso mundo é feito para aqueles que ouvem, enxergam e andam. Apesar dos avanços, a acessibilidade ainda enfrenta muitas dificuldades.” ■

ANEXO D - Texto publicado na Página do Leitor no Jornal Gazeta do Sul

6 | SEXTA-FEIRA | 26 de maio de 2017 | **OPINIÃO**

Gazeta do Sul

Luana Rodrigues: (51) 3715-7927
luana@gaz.com.br

Chefia de Reportagem
Otto Tesche: (51) 3715-7937
otto@gazetadosul.com.br

Editoria de Esportes
José Carlos Ferreira: (51) 3715-7943
joseferreira@gazetadosul.com.br

Editoria de Política/Economia
Pedro Garcia: (51) 3715-7947
pedro.garcia@gazetadosul.com.br

Editoria de Variedades
Mauro Ulrich: (51) 3715-7938
mauro@gazetadosul.com.br

Cadernos especiais
Dejair Machado: (51) 3715-7939
dejair@gazetadosul.com.br
Simoni Gollmann: (51) 3715-7951
simoni@gazetadosul.com.br

Anúncios: (51) 3715-7841
anuncios@gazetadosul.com.br

Impressões para terceiros: (51) 3715-7887
grafica@gazetadosul.com.br

Psicoterapia com surdos

Na sociedade em que vivemos, onde os direitos das pessoas se tornam fatores de lutas e reivindicações, o campo da inclusão se apresenta cada vez mais fértil diante de uma população que exige recursos de acessibilidade e atendimento especializado nos diferentes espaços sociais. A partir desses movimentos, muitos que se encontravam na esfera da invisibilidade, passaram a ser reconhecidos e reafirmados como cidadãos com dignidade, nas chamadas políticas públicas.

Pensando nisso, é importante contextualizar a história de cora-

gem, luta e busca de reconhecimento de uma população que se fortifica em suas especificidades e ações: as pessoas surdas, que assumem a identidade surda e assim se reconhecem. Os surdos enfrentaram e ainda enfrentam grandes dificuldades. Ao realizarmos uma breve leitura de estudos que contextualizam a construção social da surdez e o percurso dos surdos, podemos perceber o quanto discursos de preconceito, rejeição, indiferença e intolerância estão impregnados nesse trajeto histórico.

Enquanto graduanda de Psi-

cologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), na tarefa de escrever o trabalho de conclusão de curso, busco a partir do tema psicoterapia com surdos compreender como ocorrem as práticas psicoterapêuticas desenvolvidas com surdos, utilizando a Libras como meio de comunicação. Considero importante conhecer esse processo, visto a necessidade de prestar um bom atendimento a todas as pessoas.

A primeira etapa do estudo consiste em um levantamento dos psicólogos que trabalham com essa população. Desse modo,

convido a todos que desempenham a psicoterapia com surdos por meio do uso da Libras ou até aqueles que conhecem algum psicólogo que atua nesse segmento, a contribuir com o trabalho indicando local de atuação e meios de contato, pelo meu e-mail patricia@mx2.unisc.br. O trabalho é orientado pela professora Karla Gomes Nunes (karlanunes@unisc.br). Desde já, agradeço a contribuição dos leitores.

Patrícia da Rosa
Acadêmica do curso de Psicologia da Unisc